

EDIANA RODRIGUES PARNOW

***OS COMPORTAMENTOS SEXUAIS NAS LOLITAS DE
VLADIMIR NABOKOV E LANA DEL REY***

**PORTO ALEGRE
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
SETOR DE INGLÊS

***OS COMPORTAMENTOS SEXUAIS NAS LOLITAS DE
VLADIMIR NABOKOV E LANA DEL REY***

AUTORA: EDIANA RODRIGUES PARNOW

ORIENTADORA: SANDRA SIRANGELO MAGGIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE,
Dezembro de 2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

Parnow, Ediana Rodrigues

Os Comportamentos Sexuais nas Lolitas de Vladimir Nabokov e Lana Del Rey /
Ediana Rodrigues Parnow. -- 2017.

57 f.

Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Literatura Comparada. 2. Lolita. 3. Vladimir Nabokov. 4. Lana Del Rey. 5. Perversão.

“Who are you? Are you in touch with all of your darkest fantasies? Have you created a life for yourself where you can experience them? I have. I am crazy. But I am free.”

Lana Del Rey, Videoclipe de “Ride”

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Sandra Sirangelo Maggio,

Por todos os seus ensinamentos, amizade, cumplicidade e simpatia.

Aos meus pais, Ana Clara Berenice Fortes Rodrigues e Clesio Borba Silva,

Por todo o apoio e incentivo para que eu conseguisse alcançar meus objetivos.

A minha avó, Clara Teresa Rodrigues,

Por ser uma grande influência em minha vida.

Ao meu namorado, Bernardo Pasquali Dosso,

Por estar sempre do meu lado em qualquer situação e me motivar a seguir em frente e nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus amigos,

Pela companhia e pelas risadas de todos os dias.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre o romance *Lolita* (1955), do escritor russo-estadunidense Vladimir Nabokov, e três músicas do álbum *Born to Die* (2012), da artista estadunidense Lana Del Rey: “Carmen”, “Off the Races” e “Lolita”. O objetivo é examinar como os comportamentos sexuais são apresentados e tratados pelos dois autores. As músicas de Lana Del Rey fazem referências claras a personagens de *Lolita*, de Nabokov. Pode-se dizer que Del Rey migra os personagens descritos no livro para seus personagens retratados nas músicas. É inevitável que ocorram transformações nos personagens mais contemporâneos, mas, por outro lado, muito permanece da apresentação original. O trabalho faz uma leitura freudiana das temáticas que tratam sobre perversão. O contraste entre a apresentação e a recepção dessas obras nos Anos Cinquenta e na nossa contemporaneidade revela as diferenças e as semelhanças entre as duas obras, possibilitando assim também uma comparação entre os discursos apresentados.

Palavras-chave: 1. Literatura Comparada; 2. Lolita; 3. Vladimir Nabokov; 4. Lana Del Rey; 5. Perversão.

ABSTRACT

The following work proposes a comparative analysis between the novel *Lolita* (1955) by the Russian-American writer Vladimir Nabokov, and three songs from the album *Born to Die* (2012) by the American artist Lana Del Rey: “Carmen”, “Off the Races” and “Lolita”. The objective is to analyze how the sexual behaviors are presented and dealt by the authors. Lana Del Rey songs have clear references of *Lolita* characters. It is possible to see that Del Rey migrates the characters described in Nabokov’s book to the characters portrayed in her songs. It is inevitable that transformations occur in the more contemporary characters, however many aspects of the original production remains. In the work, a Freudian reading of themes that deal with perversion is made. The contrast between the reception and presentation of these works in the fifties and in our contemporaneity reveal the differences and similarities in both works. This way, it will be also be possible to make a comparison between the speeches presented.

Keywords: 1. Comparative Literature; 2. Lolita; 3. Vladimir Nabokov; 4. Lana Del Rey; 5. Perversion.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	1
1	SOBRE SEXUALIDADE E PERVERSÃO.....	5
1.1	Sexualidade e Psicologia.....	5
1.2	Teorias da Sexualidade.....	7
1.3	Análise Psicanalítica Na Literatura.....	12
2	LOLITA.....	14
2.1	História Polêmica.....	14
2.2	Personagens.....	16
2.3	Perversões em <i>Lolita</i>.....	21
3	LANA DEL REY.....	24
3.1	A Vida Imita a Arte: As Músicas de Lana Del Rey.....	26
3.2	Análise Comparativa entre <i>Lolita</i> e Lana Del Rey.....	37
3.3	Os Comportamentos Sexuais nas Músicas.....	39
4	CONCLUSÃO.....	42
5	REFERÊNCIAS.....	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- O Estilo de Lana Del Rey..... Disponível em: < https://goo.gl/628RDY > Acesso em: 27/11/2017	26
Figura 2 – Carmen..... Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=L6K8Uq88BEQ > Acesso em: 27/11/2017	36

INTRODUÇÃO

A narrativa do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, provoca polêmica até hoje, por tratar de uma paixão obsessiva ligada a perversões sexuais, uma temática cuja abordagem se torna bastante delicada. A atração que Humbert Humbert sente por sua enteada Dolores Haze, a quem ele carinhosamente chama de “Lolita”, abre espaço para diferentes ângulos de compreensão sobre os comportamentos dos personagens. O livro é marcante porque nos faz pensar sobre os limites que separam o desejo espontâneo, as normas de convivência social, o respeito pelo outro, a reprovação do interdito, o *voyeurismo*, levantando questões sobre até que ponto se pode ir para satisfazer anseios obscuros. Nabokov apresenta essas situações quando nos leva para dentro da mente de um personagem pervertido. A história de *Lolita* é contada em primeira pessoa por alguém que se autodenomina Humbert Humbert, mas explica que se trata do pseudônimo usado pelo paciente psiquiátrico que escreve suas memórias em um complexo prisional, quando revela detalhes de seu amor obsessivo por Dolores.

Já as músicas de Lana Del Rey nos fazem entrar dentro da mente do personagem Lolita, que em vários pontos difere do original criado por Nabokov, mas em outros pontos conserva suas características. Del Rey transforma Lolita, deixando-a mais obsessiva e romântica. Esta recriação despertou em mim a vontade de aproximar as duas obras, tendo por foco a forma como são tratadas as representações da sexualidade. Acho interessante comparar as duas produções porque se trata de territórios diferentes. A *Lolita* de Nabokov pertence à área de Estudos Literários, portanto ali podemos explorar o tratamento dado aos personagens, a forma como a narrativa é conduzida e a maneira como a estrutura da obra apresenta a temática da perversão sexual. Em contrapartida, a Lolita de Del Rey vem da área da Música e do Espetáculo de Performance, consiste numa junção de letra, melodia e espetáculo de palco. O livro de Nabokov conta com seis décadas de fortuna crítica, ao passo que as músicas de Del Rey são recentes. Sendo assim, uma análise comparativa entre as duas obras, a literária e a musical, nos permite considerar o que muda e o que permanece nos questionamentos sobre sexualidade, erotismo e paradigmas de comportamento, que serão analisados a partir de teorias freudianas sobre sexualidade. No trato com o romance, apresentarei a minha leitura das

características dos personagens e seus comportamentos sexuais. Humbert, protagonista e narrador, se auto denomina “doente” e “perverso” desde o começo do livro; ele revela que foi hospitalizado em instituições psiquiátricas, e que enganava seus médicos. Lolita parece ter tido uma infância normal até a morte de sua mãe, Charlotte Haze, quando sua vida toma um rumo diferente com o relacionamento com Humbert e as viagens que eles fazem, se passando por pai e filha. Humbert tenta seduzir sua amada sem sucesso, até que termina sendo seduzido por ela, que tem as suas próprias fantasias e aprende a manipulá-lo. As fantasias são apresentadas em cenas como aquela em que Lolita diz a Humbert que ela o estuprou, ou na cena em que se refere a um incesto, mesmo ele não sendo seu pai. Não é muito comum uma garota da sua idade fantasiar com simulação de incesto e estupro, não parece material vindo da imaginação de uma menina daquela idade. Isso nos faz pensar que esse narrador em primeira pessoa não é tão confiável, não parece saber ou querer separar o que vem do personagem narrado e o que está sendo colocado nele. Mas ele está blindado porque – além de ser o narrador, também é um personagem, um prisioneiro, um paciente psiquiátrico de quem não podemos exigir coerência ou freios morais. Ou seja, toda essa contenção institucional permite que o leitor se movimente em territórios que seriam, de outra forma, interditados.

Humbert também tem as suas próprias fantasias sobre Lolita, numa forma de idealização que nunca seria real. Em *Fragmentos de um caso de histeria* (1901), Freud se surpreende com a quantidade de suas pacientes que quando jovens passaram pela experiência de serem molestadas por um adulto, mas depois ele conclui que essas situações não eram necessariamente experiências reais, eram apenas fantasias de suas pacientes (cf. FREUD, 1996a). Situações assim poderiam ter ocorrido com os personagens de *Lolita* também. Para averiguar essas questões, decidi consultar o que Freud diz sobre Perversão na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Perversões seriam qualquer tipo de atividade sexual que não restrita às regiões do corpo destinadas ao sexo, sendo os órgãos sexuais masculinos e femininos somente. Também excluindo qualquer tipo de ato masturbatório, estimulações anais, incesto, estupro, necrofilia, zoofilia e atração exclusiva por objetos ou determinadas partes do corpo; todos estes aspectos mencionados seriam tipos de desvios explicados por Freud.

O interesse de Humbert por meninas pré-púberes chama a atenção porque o personagem apresenta um tipo de desvio do objeto sexual, já que o mais usual para um adulto seria sentir atração sexual por mulheres adultas e não crianças ou adolescentes, segundo as normas sociais da época do livro. Lolita também é outro personagem transgressor porque é

uma pré-adolescente com suas fantasias e perversões antes mencionadas, ela parece se divertir ao atrair a atenção de Humbert e provocar sua mãe com isto. Na década de 1950 não era esperado que uma pré-adolescente tivesse tais desejos, de acordo com as normas sociais da época uma menina desta idade deveria se interessar por bonecas e brinquedos, não por atrair o sexo oposto desde tão jovem. Atualmente, estas normas sociais mudaram, por isto neste trabalho irei analisar também os aspectos sociais que mudaram e os que permaneceram comparando com os personagens atuais de Lana Del Rey. Além disto, pretendo averiguar por quê Humbert continua se sentindo atraído por Lolita mesmo depois da morte dela; ele faz de tudo para ficar com ela ao longo do livro, mesmo quando não consegue continua sofrendo por sua causa.

Nas produções de Lana Del Rey essas questões são transferidas para suas músicas, e são apresentadas ao público numa produção que consiste nas letras, na melodia, na voz, na instrumentalização e na produção visual nos clipes ou nas apresentações em shows. Dali surge uma Lolita modernizada, romantizada e sexualizada. Del Rey apresenta sua própria leitura do livro, mudando e adaptando alguns aspectos da obra e os tornando mais modernos, mas também transportando algumas características do livro de Nabokov para suas músicas. Ela descreve uma Lolita que não é mais uma menina de 12 anos, ela agora tem por volta de 17 anos, e sente atração por homens que têm entre 30 e 60 anos, pelo que vemos nas músicas e nos vídeo clipes. Del Rey mostra uma Lolita romântica e obsessiva por seu amante, diferente da história original de Nabokov onde Humbert é que é obcecado por Lolita, e o sentimento não é recíproco, como se vê no final da história. Esta nova Lolita tem suas próprias perversões e fetiches, como sua atração por homens mais velhos e seu desejo por ser protegida por estes tanto financeiramente quanto emocionalmente, mas mesmo assim mantém algumas características do personagem original; é possível perceber que ela é manipuladora, provocadora e divertida mesmo tendo uma vida problemática, como é mencionado.

Assim, o objetivo deste trabalho é realizar, no terreno da literatura comparada, uma aproximação entre esses dois universos ficcionais que se realizam em mídias distintas e em épocas diversas, a fim de apresentar algumas considerações sobre comportamentos sexuais e as formas como são percebidos em diferentes épocas e contextos. Como apoio teórico, utilizarei três textos de Freud que embasam o tratamento dado, neste trabalho, aos conceitos de “Perversão”, “Obsessão” e “Pedofilia”.

Espero, ao final do trabalho, ter encontrado respostas para perguntas que me intrigaram

quando li o romance de Nabokov, tais como: O que são perversões? Por que os personagens não conseguem evitar que suas perversões saiam fora de controle? Por que Dolores Haze parece tão mais velha do que é? E porque Humbert ficou tão descontrolado? Para realizar esta comparação entre as características das Lolitas de Vladimir Nabokov e de Lana Del Rey, a pesquisa vem estruturada em três partes. Na primeira são apresentadas as ideias freudianas que respaldam a análise, os quais serão aplicados aos dois universos ficcionais. Na segunda e na terceira partes trataremos sobre o termo “Lolita” e o que ele representa, primeiro na obra de Nabokov (Capítulo 2) e a seguir na obra de Del Rey (Capítulo 3), bem como no imaginário popular. A discussão sobre perversão, obsessão e pedofilia será empreendida a partir da comparação entre as formas como se apresentam em Nabokov e em Del Rey, estabelecendo paralelos entre os fetiches e as fantasias apresentados no livro e nas músicas.

1 SOBRE SEXUALIDADE E PERVERSÃO

A palavra “Lolita” se tornou um verbete de dicionário, a partir da obra de Vladimir Nabokov, significando uma ninfeta, uma jovem muito nova, ainda com um corpo de criança, da qual emana, ou sobre a qual é projetada, uma ideia de sexualidade intensa. Apesar de tais imagens existirem em muitas obras escritas anteriormente, é através do romance de Nabokov que essa situação passa a ser mais intensa e racionalmente analisada na segunda metade do século XX. Para entender a forma como a sexualidade é apresentada pelo autor e é recebida pelo leitor¹, estou utilizando dois contrapontos. O primeiro são as ideias provenientes da psicanálise de Sigmund Freud, que analisou comportamentos sexuais como se apresentavam em sua época, cerca de 50 anos antes da publicação do livro de Nabokov. O segundo contraponto são as representações de sexualidade na Lolita de Lana Del Rey, criada seis décadas depois da obra do romancista. Juntando esses três momentos, aspectos interessantes se apresentam para nossas considerações.

1.1 SEXUALIDADE E PSICOLOGIA

Quando Freud apresenta suas ideias sobre sexualidade, desvio, perversão, fetiche, fantasia, ele se posiciona dentro de uma sociedade com padrões muito rígidos de moral e de comportamento. O olhar sobre essas questões não é muito diferente do da época em que o romance de Nabokov foi publicado, quando nem a revolução musical (Rock’n’Roll, Beatles, etc...) nem a revolução sexual (Sex Lib, Flower Power, etc...) haviam ainda ocorrido. Já na obra de Lana Del Rey, por outro lado, elementos que antes não podiam ser debatidos, que receberiam punição moral e/ou legal, são usados abertamente ou como elementos estéticos ou para provocar uma reação mercadológica. E isso merece a nossa atenção.

Sigmund Freud já pode se apoiar em diversos estudos sobre tipos comportamentos

¹ Para fins deste trabalho, quando utilizo a expressão “o leitor” me refiro a minha própria recepção da obra, minha leitura, tendo a mim mesma como leitora empírica, de acordo com a conceitualização do teórico Umberto Eco.

sexuais que hoje são classificados como perversões, mas essas pesquisas – atualmente tão valorizadas na área de psiquiatria – não eram consideradas de muita utilidade naquela época. O alemão Krafft-Ebing (1886) estudou certas patologias ligadas à sexualidade, que então costumavam ser diagnosticadas como síndromes impulsivas e obsessivas. Alfred Binet (1887) com sua obra *Fétichisme dans l'amour*, considera que a hereditariedade poderia influenciar o que ele chama de “as patologias da sexualidade”. O autor também observa que a origem desses comportamentos pode estar em algum evento acidental na vida de uma pessoa insana. Qual seria o conceito de “insanidade” daquela época é um outro complicador que temos de enfrentar. Mas a teoria de Binet diz que a perversão se origina na infância, deixando um traço na forma de uma associação mental. Sendo assim, Binet acreditava que uma pessoa sã seria capaz de sentir múltiplas excitações, porém isso só se tornaria algo patológico quando a pessoa passasse a tornar uma forma única de excitação mais importante do que as outras, assim excluindo as demais (cf. BINET, 2001).

Enquanto isso, autores como Clevenger, Kiernan, Lysgston, criaram suas teorias da sexualidade tendo como base a teoria evolucionista de Darwin. Albert Moll em seu livro *Untersuchungen über die Libido sexualis* (1897) mencionou que a sexualidade começava na infância de uma forma natural (não patológica). Assim, ele fez a divisão da infância em dois períodos: o primeiro do nascimento até os 7 anos, onde as manifestações sociais causam a curiosidade sobre processos mórbidos. O segundo período vem depois dos 8 anos, quando as manifestações sexuais também serão consideradas normais. Estas noções da manifestação da sexualidade infantil e da existência de zonas erógenas não genitais foram difundidas ao redor do mundo (cf. VALAS, 1990). Sendo assim:

No momento em que Freud elabora sua teoria da libido com base na anamnese psicanalítica de pacientes adultos, acumula-se um amplo material empírico e conceitual que vai, incontestavelmente, inspirar ou confrontar suas posições. (BERCHERIE, 1983, p. 211)

Apesar de Freud levar em consideração muitos dos estudos sobre a sexualidade feitos antes de escrever *Estudos sobre Histeria* (1895) e *os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), o psicanalista não tinha muito interesse pelos estudos da sexualidade e perversões. O autor, até então, propunha que as perversões eram manifestações da bestialidade originária no ser humano. Anos depois, Freud diferenciou em uma carta a distinção entre

histeria, paranoia e perversão (MASSON,1986). A histeria seria alo-erótica, a paranoia estaria ligada a um impulso auto erótico e um retorno a um evento na infância, enquanto que a perversão seria determinada por um impulso auto erótico e um retorno à loucura original (cf. VALAS, 1990).

Já em 1901 quando o autor relata o caso de Dora em *Um Caso de Histeria*, faz uma observação significativa sobre as perversões, que mudou a visão da psicanálise sobre o tema da sexualidade. Ele afirma que: “As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras”. Como médico, Freud parece mais interessado em compreender os processos do que em emitir julgamentos de valor sobre eles. Mais adiante, diz que: “Elas estão contidas na predisposição sexual não diferenciada da criança (...) quando alguém se torna, grosseira e manifestamente, perverso, pode-se dizer que, mais justamente ele permaneceu assim; isso significa uma interrupção na evolução” (FREUD, 1996b, p 32). Sendo assim, o autor formula a teoria de que se trata mais de normas sociais do que de normas sexuais. Ele ainda diferencia as perversões da neurose, afirmando que a psicose seria o negativo das perversões. Esta definição será melhor explicada ao longo das outras obras do autor onde se dedica ao estudo de sexualidade humana e às possíveis origens e causas das perversões sexuais em indivíduos sãos e também naqueles considerados não sãos. Essas observações mudaram assim a visão psicanalítica da época sobre o estudo da sexualidade humana.

1.2 TEORIAS DA SEXUALIDADE

Em 1905, Sigmund Freud publica seu primeiro trabalho unicamente sobre sexualidade chamado *Os Três Ensaios Sobre Sexualidade*. O ensaio é dividido em três partes: aberrações sexuais, sexualidade na infância e transformações da puberdade. No primeiro capítulo o autor define os conceitos de objeto sexual e alvo sexual. O objeto sexual seria “a pessoa de quem provém a atração sexual” enquanto o alvo sexual pode ser definido como “ação para a qual a pulsão impele” (FREUD, 1996d, p. 9). Deste modo, o desvio do objeto sexual pode ser considerado como uma perversão sexual, como por exemplo a inversão, que é como Freud chamava a homossexualidade e a bissexualidade. Para o autor, a homossexualidade seria um desvio do objeto sexual normal. Por exemplo, o comportamento considerado natural seria um homem sentir atração por uma mulher, este seria o seu objeto

sexual; mas um homossexual ou bissexual sente atração por pessoas do mesmo sexo. Como há um desvio da rota esperada, os invertidos são considerados “perversos” (do latim *per + versus*) por Freud, devido ao seu desvio. Sendo assim, de acordo com Freud, aquilo que foge ao escopo das relações sexuais entre homem e mulher, com seus respectivos órgãos sexuais, pode ser considerado uma perversão. Porém, o autor ressalta que as perversões estão presentes na nossa sociedade e não são fora normal, assim como a homossexualidade e bissexualidade. É nesse sentido que o termo é usado neste trabalho.

Então, “perversões acontecem em relação com objetos e pulsões sexuais, erotizando regiões não genitais ou fixando uma relação exclusiva com o objeto sexual” (GALE, 2007). A seleção de um objeto sexual diferente do normal para um perverso estaria relacionada com uma infância problemática ou outros conflitos. No livro de Nabokov, o personagem Humbert Humbert sofre um trauma em sua infância com a morte de sua namorada Annabel Leigh. Com isto, Humbert passa a ter como seu objeto sexual meninas na idade de sua namorada na infância, gerando assim um desvio de seu objeto sexual. Ainda, na psicologia o desvio do objeto sexual pode ser diagnosticado, às vezes, como parafilia:

Atração sexual intensa por quaisquer objetos ou pessoas além da estimulação da zona genital entre parceiros adultos com seus consentimentos. Uma parafilia é considerada um distúrbio que causa angústia ou ameaça prejudicar alguém diagnosticado pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V (PSYCHOLOGY TODAY, 2017)

Desta forma, segundo Valas (1990), há dois tipos de desvios de objetos: as transgressões anatômicas e a preferência por objetivos sexuais preliminares mais demorados, quando que, normalmente, deveriam ocorrer de forma mais rápida. Essas transgressões anatômicas estão ligadas à supervalorização do objeto sexual, onde a pessoa poderia começar a ter um fetiche por certas partes do corpo do parceiro, chegando a perder o interesse pelo ato sexual normal. Portanto, o fetichismo surge como uma variação da normalidade, no limite da perversão e do patológico. O fetichismo é um dos elementos presentes nas obras de Lana Del Rey e em sua arte performativa. Porém, só é possível falar em patologia quando o fetichismo entra na vida da pessoa que de outra forma seria impotente. A perversão fetichista pode ser definida “quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual” (FREUD, 1996d, p. 20).

Assim, o autor formula que além das manifestações incontestavelmente patológicas, tais como necrofilia e coprofagia, só é possível distinguir a perversão do normal quando a mesma se torna uma fixação prevalente ou até mesmo total do desvio do objeto e pela exclusividade da prática quanto ao desvio em relação ao objetivo sexual. Além disso, a supervalorização do objeto, para Freud, estava ligada com a cegueira do amor, que poderia levar a pessoa a superar forças inibidoras, tais como repugnância, pudor, moral e educação, que definem o desenvolvimento sexual normal do sujeito. No capítulo das aberrações sexuais, Freud explica como a pulsão sexual se insere dentro do estudo das perversões sexuais.

Do estudo das perversões resultou-nos a visão de que a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas com máxima clareza a vergonha e o asco. É lícito conjecturar que essas forças contribuam para circunscrever a pulsão dentro dos limites considerados normais, e que, caso se desenvolvam precocemente no indivíduo, antes que a pulsão sexual alcance a plenitude de sua força, sem dúvida serão elas que irão apontar o rumo de seu desenvolvimento. (FREUD, 1996c, p. 27)

Ainda, no final deste primeiro capítulo de sua pesquisa, o autor ressalta que a disposição para o desenvolvimento de uma perversão não é algo tão excepcional e raro, na verdade a perversão faz parte da constituição normal.

Em sua pesquisa, Freud concluiu que nossa sexualidade se desenvolve desde o começo de nossas vidas. Um bebê sente prazer ao ser alimentado por sua progenitora, quando está fazendo suas necessidades fisiológicas ou até mesmo ao chupar o dedo. Dessa forma, a sexualidade infantil poderia apresentar três características essenciais: apoia-se em uma função fisiológica essencial à necessidade, é auto erótica, o seu objetivo é determinado pela atividade da zona erógena correspondente à pulsão parcial. Na infância já poderia ser possível a seleção do objeto sexual, ao passo que muitos teóricos da época acreditavam que isso só acontecia na puberdade. Mas Freud nota que a seleção do objeto acontece em duas etapas, separadas do período da latência.

A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. (FREUD, 1996c, p. 46)

Sendo assim, para o autor é evidente que as perversões poderiam surgir como uma

motivação sexual espontânea. Dependendo das circunstâncias e do ambiente em que um bebê é criado ele ou ela poderá desenvolver suas perversões. Então, pode-se dizer que há reflexos na constituição sexual da criança e que eles apresentam mais entendimento dos processos sexuais do que o esperado pelos adultos. Quando a puberdade chega, a seleção do objeto sexual adolescente deve substituir o objeto sexual infantil. Se isto não acontecer da forma correta a pessoa fugiria à regra da normalidade e poderia ter problemas sexuais, pois na infância o prazer é auto erótico e já na puberdade o objeto sexual deve ser definido.

Na introdução da teoria da libido, o psicanalista define que na fase pré-genital a seleção do objeto é incestuosa, e isso poderá influenciar a seleção do objeto sexual na adolescência. Esta seleção vai depender da maneira como foi transposto o desfiladeiro edipiano. O complexo de Édipo se baseia na ascensão do primado do falo, que ocorre tanto nas meninas quanto nos meninos. As seleções de objetos na puberdade são feitas sob a forma de traços no inconsciente. Assim, Freud implica que as perversões quase sempre estão relacionadas, mesmo que de uma forma distante, com o medo da castração.

Em seus estudos sexuais da puberdade, Freud argumenta que a separação da autoridade dos pais é importante para o desenvolvimento dos jovens. Algumas pessoas não conseguem superar a autoridade que seus pais exercem sobre elas e continuam tendo profundos afetos por eles, ou essa independência se dá forma incompleta. Dessa forma, isso faria com que as meninas e os meninos persistissem em seus amores infantis para além da puberdade, o que causaria distúrbios em seu desenvolvimento sexual.

Para as moças com uma necessidade exagerada de ternura e um horror igualmente desmedido às exigências reais da vida sexual, torna-se uma tentação irresistível, por um lado, realizar em sua vida o ideal do amor assexual, e por outro, ocultar sua libido por trás de uma ternura que possam expressar sem auto recriminações, agarrando-se por toda a vida a sua inclinação infantil, renovada na puberdade, para os pais ou irmãos. (FREUD, 1996c, p. 63)

Ainda, neste ensaio, Freud enfatiza que na puberdade o interesse nas primeiras relações com pessoas mais velhas é frequente. O primeiro relacionamento de um rapaz geralmente é com uma mulher mais velha e mais experiente, assim como as garotas teriam seus primeiros relacionamentos com um homem mais velho e autoritário. Isso poderia acontecer pela similaridade destas figuras com suas mães e seus pais. Talvez o que determine a seleção do objeto sexual seja decorrência deste processo. A teoria do complexo de Édipo de

Freud implica que os filhos tenham desejo sexuais por seus pais, e assim teriam ciúmes e ainda teriam uma certa rivalidade com os parceiros de seus pais, já que eles têm relações sexuais com o objeto sexual da criança ou adolescente. Este processo todo ocorre de forma inconsciente, podendo gerar consequências no comportamento das crianças e jovens, como as ditas anteriormente.

Freud ainda formula a tese de que a perversão é uma posição subjetiva, não sendo uma manifestação instintual, que seria sustentada por uma fantasia consciente e que a pessoa poderia a realizar em condutas agenciadas de acordo com a fantasia. Assim se diferenciando dá a neurose, o negativo da perversão, mas onde as fantasias perversas seriam inconscientes. Então, perversão e neurose são definidas de uma forma diferente. Pode-se dizer também que a perversão se constitui no complexo de Édipo, e como dito anteriormente, tem relação com o medo da castração.

Desde o início dos estudos sobre a sexualidade Freud ressalta que a pulsão sexual não deve ser confundida com a perversão, pois a perversão só poderá ser definida a partir da relação de uma pessoa com o objeto sexual, o que pode ser observado na fantasia. No entanto, seria preciso explicitar para que serve a fantasia, como é o seu funcionamento na perversão, que lugar o sujeito ocupa ali e qual o papel do objeto. Em 1908, na obra *Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade*, Freud observa: “Dessa maneira descobriu-se que o conteúdo das fantasias inconscientes do histérico corresponde em sua totalidade às situações nas quais os pervertidos obtêm conscientemente satisfação” (FREUD, 1996a, p. 4). Assim, o autor separa as fantasias conscientes da perversão e as inconscientes da neurose.

Mesmo antes de elaborar toda sua teoria sobre a sexualidade, Freud concluiu que a disposição para as perversões era a disposição universal da pulsão sexual. Por causa das modificações orgânicas e inibições psicológicas durante o desenvolvimento os comportamentos sexuais considerados normais desenvolvem-se. Por outro lado, parece que a pulsão sexual poderia ser composta de diversos fatores e que nas perversões enquanto desmoronaria em seus componentes. Então, as perversões foram definidas como inibições do desenvolvimento normal e como dissociações.

Para Muribeca (2009), a perversão é definida como uma condição intrínseca à sexualidade humana. Então, um sujeito perverso poderia ser indivíduo totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro. As perversões, como sintomas psicológicos, devem possuir um sentido, um significado para o indivíduo. Segundo a autora, uma prática sexual

considerada patológica além de constituir uma tentativa de construção de um sentimento de identidade sexual representa também uma solução a fim de evitar alguns sofrimentos psíquicos. É possível dizer que a identidade sexual de cada pessoa é constituída na história de suas relações com os objetos sexuais, por meio de um processo psíquico. Por fim, a expressão neossexualidade, em vez de perversão, poderia ser usada para explicar as novas formas de organizações psíquicas que seriam o resultado de intensos investimentos libidinais.

Já em 1927, no artigo *Glanz auf der Nase* Freud faz uma espécie de conclusão sobre os estudos sobre a sexualidade e perversão feitos por ele. O fetichismo está retratado como um sinal de orientação para a observação do polimorfismo das manifestações perversas. A perversão poderia ser distinta em sua estrutura própria, já que ela aparece como uma forma de solução específica do desejo. O Freud define o significado de fetiche como sendo um substituto do pênis, mas não qualquer um. Não seria um pênis real, seria um substituto fálico que serve como símbolo criado pela criança com relação à mãe, acontecendo no momento em que a criança descobre que sua mãe não possui um pênis. O fato importante nesta situação não seria de que a mãe não tenha o órgão genital masculino, mas sim de que esta privação teria um valor simbólico na subjetividade da criança. Esta teoria de Freud consiste em que a criança acreditaria na existência do órgão fálico na mãe, à imagem do seu próprio, mas nas meninas seu órgão clintoniano é tido como um órgão fálico que cresceu. Sendo assim, Freud concluiu que esta antiga fixação pelo objeto fálico poderia estar associada com o fetiche pelos pés ou sapatos (cf. FREUD, 1996c).

Por fim, os estudos de Freud e de outros autores contemporâneos ou até mesmo aqueles feitos antes das teorias freudianas mencionados neste capítulo, serão de grande ajuda na análise dos aspectos sexuais contidos no livro *Lolita* de Vladimir Nabokov e nas músicas de Lana Del Rey. As definições e conceitos contidos nos Três ensaios na Teoria da sexualidade irão servir como base nesta análise comparativa, assim como será apresentado ao longo deste trabalho.

1.3 ANÁLISE PSICANALÍTICA NA LITERATURA

Sendo a literatura uma forma de manifestação artística, é de se imaginar que o resultado das experiências de vida e percepção do mundo exterior de acordo com a época presenciada pelo autor farão parte de suas obras, assim como processos cognitivos e afetivos

do indivíduo. Então, a literatura poderá, também, ser compreendida sob o ponto de vista psicológico e artístico. Leite (2002) explica que o pensamento produtivo, resultado da experiência de uma pessoa, juntamente com os processos cognitivos e afetivos, é essencial no processo psicológico de criação da obra literária. Assim, é possível dizer que os processos cognitivos as funções do pensamento são: memória, atenção, percepção, orientação e linguagem, e por estados afetivos emoções. E estes processos psicológicos ajudam na criação de uma obra de arte.

Além dos processos internos, há fatores externos que podem influenciar na escrita de um livro ou criação de uma obra de arte. Tais como: época, condição do artista e reação a obra literária (BAIOCCHI & NIEBIELSKI, 2009, pg153-160). Aqui, estaremos analisando uma obra literária pelo ponto de vista psicanalítico de Sigmund Freud. Como mencionado anteriormente, Freud estuda a compreensão da psique humana a partir da análise do conteúdo do inconsciente, do consciente, das pulsões, dos impulsos, dos instintos humanos e da sexualidade infantil. Seus estudos sobre a sexualidade serão de grande importância para o estudo dos comportamentos sexuais dos personagens na obra literária de Vladimir Nabokov e nas obras musicais de Lana Del Rey.

2 LOLITA

Analisar um livro tão complexo e controverso demanda tempo e dedicação. O que apresento a seguir é o meu entendimento sobre a proposta do autor e os movimentos dos personagens. Em 1955, Vladimir Nabokov, autor que nasceu na Rússia e cresceu nos Estados Unidos, publica seu livro polêmico de nome *Lolita*. O livro foi rejeitado por algumas editoras americanas, então Nabokov precisou publicar em outro país, na França, através da editora Olympia Press. Na primeira metade do século vinte, os sistemas de censura dos Estados Unidos eram mais conservadores do que os Europeus, dentre os quais o sistema francês era o mais aberto. Mesmo assim, depois de publicado, o livro foi proibido também na França, além de nos Estados Unidos e no Reino Unido, por um tempo. Ainda hoje a história continua sendo muito discutida, por causa de seu tema principal, que hoje em dia pode ser definido como o abuso de uma menor de idade contado por um adulto pervertido de meia idade.

2.1 HISTÓRIA POLÊMICA

A história do livro *Lolita* é contada pelo ponto de vista do personagem narrador Humbert Humbert. A história se passa entre os anos de 1947 e 1952. Seu nome repetitivo já nos faz lembrar do conceito de Freud do duplo, que mais tarde será melhor explicado. Humbert cresceu em uma família bem afortunada, porém um acontecimento em sua adolescência mudou sua vida completamente e gerou um trauma. No outono de 1923, o personagem conhece uma menina de 12 anos chamada Annabel Leigh. Ambos ficaram apaixonados naquele ano, foi o primeiro relacionamento com o sexo oposto que Humbert teve em sua pré-adolescência. Annabel Leigh morre pouco tempo depois. Apesar de ser apenas um namoro infantil, sem relações sexuais, Humbert nunca se refez desse primeiro amor não consumado. Este episódio corrobora a impressão de Binet (1887), quando diz que a origem da perversão remonta à infância.

Depois deste acontecimento, Humbert se torna, como ele mesmo se descreve no livro, um “monstro” por somente sentir atração sexual por meninas jovens, mais especificamente pré-púberes. O personagem explica nos capítulos iniciais que mulheres da sua idade não o atraem, mesmo que se comportem de maneira infantil. Todas as relações que Humbert tenta ter com as mulheres adultas eventualmente terminam por conta de sua falta de interesse. O único tipo de meninas que o atraem são as ninfetas, como ele chama no livro as meninas pré-púberes pelas quais se interessa. O personagem acrescenta que nem todas as meninas entre 9 e 14 anos podem ser consideradas ninfetas. São apenas certas meninas com características bem específicas que o excitam. As ninfetas, apesar de sua idade, já possuem características que o atraem sexualmente. Humbert as define assim:

Entre os limites de idade de nove e catorze anos, virgens há que revelam a certos viajores enfeitiçados, bastante mais velhos do que elas, sua verdadeira natureza – que não é humana, mas nínfica (isto é, diabólica). A essas criaturas singulares proponho dar o nome de “ninfetas” (NABOKOV, 2003, p. 18)

Humbert tenta justificar de diversas maneiras que o seu fascínio por meninas jovens não é algo tão fora do comum. Sendo assim, ele cita a lei das Crianças e Jovens de 1923, onde uma menina poderia ser definida como tendo mais de 9 e menos de 14 anos. Porém, como o próprio livro nos informa, naquela época em Massachusetts uma criança considerada transgressora poderia ser legalmente punida entre os 7 e os 17 anos de idade. Essas crianças eram condenadas como sendo pessoas perversas e imorais. Humbert utiliza também o recurso de revisitar a História, citando as noivas de 10 anos dos tempos da cultura clássica, ou os casamentos antes da puberdade que eram praticados naquela época nas Índias Orientais; ele ainda lembra que homens com 80 anos de idade tinham relações com meninas de 8 anos e ninguém se importava com isso. Menciona até Dante, que se apaixonou por sua musa Beatrice quando ela tinha 9 anos, em 1274 na Florença. E Petraca, que se enamorou de Laura quando ela tinha 12 anos. Mas apesar de todas essas justificativas, Humbert diz se sentir envergonhado e assustado em alguns momentos. Todavia, em outros, se sente otimista.

Mesmo se esforçando para respeitar as crianças com suas fragilidades e pureza, o personagem declara que “como batia seu coração quando, no meio de um bando inocente, ele divisava algum pequeno demônio, *“enfant charmant et fourbe”*, olhar velado, lábios úmidos, 10 anos de cadeia se simplesmente repararem que você está olhando para ela” (NABOKOV, 2003, p. 21). Apesar do personagem não esconder seu desejo pelas meninas pré-púberes, ele reconhece que elas precisariam ser respeitadas, seja por causa de sua idade

e vulnerabilidade, seja por medo da punição. No início do livro, ele diz que apenas olhar para meninas já era suficiente, ficava observando as meninas de longe para saciar um pouco do seu desejo por elas. Humbert sabe que ter relações com essas meninas poderia acarretar anos de prisão, mas ele afirma que seu gosto por elas é algo inofensivo, não tocaria em uma criança de verdade naquele momento. Porém, ao conhecer a jovem Lolita e começar a ter uma relação mais íntima com ela, o personagem se questiona em muitos momentos sobre seus atos. Por um lado, sente culpa, mas por outro sente estar realizando o maior sonho de sua vida ao ter uma relação tão próxima com uma menina nova.

Ao tentar esconder suas perversões, Humbert acaba se deixando cegar pela sua paixão obsessiva por Dolores Haze, chegando a cometer atos violentos e ciumentos com qualquer pessoa que estivesse lutando por sua amada. E mesmo sabendo que seu comportamento não era adequado, o personagem fez de tudo para permanecer junto de Lolita.

2.2 PERSONAGENS

Além de Humbert e Lolita existem outros personagens que podem ser analisados brevemente neste trabalho, como por exemplo Charlotte Haze, mãe de Dolores Haze. Mas, primeiramente os personagens que serão analisados serão Humbert e Lolita. Como dito anteriormente, Humbert sentia atração apenas por meninas pré-púberes, e isto fez com que ele desenvolvesse um tipo de perversão específica por esse tipo de meninas, onde excluiu sexualmente qualquer outro tipo de mulher que não tenha as características descritas pelo personagem. A causa desta perversão pode ser o evento referido anteriormente que ocasionou um trauma em sua adolescência (cf. Binet, 1887), que fez com que Humbert permanecesse preso em sua escolha de objeto sexual juvenil mesmo quando adulto. De certa forma, Humbert estagnou na fase da adolescência não conseguindo superar o objeto sexual juvenil.

Pereira (2017) menciona que no início Humbert sente atração por Lolita porque ela é jovem. Quando a vê novamente, grávida, com 16 anos, ele sente um pouco de nojo. Então, conclui que ficaria com ela mesmo assim, mais velha, porque passou a amá-la. Humbert, sente atração exclusivamente, de forma quase obsessiva, por meninas jovens, com seus pequenos detalhes no cabelo, nas maçãs do rosto, na forma de olhar ou se mover e até mesmo nos pelos da axila de uma menina que ele vê no metrô. De acordo com o DSM-5, um manual

internacional para diagnóstico de Doenças Mentais, este tipo de comportamento se enquadra em uma das definições para pedofilia, uma perversão que faz com que um adulto se sinta sexualmente atraído por crianças (cf. DSM-5, 2017). Com o tempo, a obsessão de Humbert se concentra exclusivamente em Lolita, assim como antes ficara somente centrado na figura de Annabel Leigh.

Fraga (2006), argumenta que Humbert é um pervertido peculiar, porque o seu caso passa a ser exclusivo e não esporádico. Acrescenta que Humbert não desenvolveu esta perversão por impotência ou incapacidade, pois no livro o personagem relata que era um homem charmoso e atraente, para quem era fácil atrair as mulheres.

Permita-me repetir com tranquila ênfase: eu era, e ainda sou, apesar de *mes malheurs*, um homem incomumente bem-apegoado - alto, com cabelos pretos e sedosos, movimentos pausados, um ar tristonho e, por isso mesmo, ainda mais sedutor. A virilidade excepcional com frequência projetada nas feições do indivíduo assim dotado um certo ar irritadiço e pletórico, que deriva justamente daquilo que ele tem de ocultar. Era esse meu caso. Infelizmente, sabia muito bem que, com um simples estalar de dedos, poderia dispor de quem escolhesse; na verdade, tinha desenvolvido o hábito de não ser muito atencioso com elas por medo de que caíssem como frutas maduras em meu gélido colo.” (NABOKOV, 2003, p. 27)

Ainda assim, é bem verdade que essa é a maneira como o personagem se enxerga, o que não significa que ele seja visto pelos outros da mesma forma. É ele também quem conclui que o trauma de infância causado por seu namoro com a menina Annabel poderia ter ocasionado a sua perversão. Mas o próprio fato de o nome de sua amada – Annabel Leigh – ser homófono do nome da famosa personagem do poema de Edgar Allan Poe (“Annabel Lee”), que morre jovem porque os anjos sentiram inveja da felicidade do casal, indica que ele pode ter construído essa fantasia também. Humbert não menciona nada sobre suas relações familiares e as possíveis influências que poderiam ter causado a seleção de seu objeto sexual. Algumas alegações do personagem poderiam indicar uma manifestação bem comum de perversão em neuróticos, como quando Humbert diz que teve relações consideradas normais com mulheres maduras e de sua idade durante anos.

Apesar de sentir essa atração por meninas jovens, ele observa que não ousa tocá-las, apenas observá-las era suficiente para sua imaginação. Assim, caso se relacionasse mesmo sexualmente com mulheres adultas, era apenas como agente paliativo. Humbert demonstra grande empenho emocional quando fala sobre suas fantasias, nos momentos iniciais do livro, nos quais ele ainda não as realizou de fato. Como o romance está sendo contado pelo ponto

de vista de Humbert, seu amor obsessivo por Dolores Haze não é apresentado como ilegítimo. Como ele menciona, houve época em que um adulto se casar ou ter relações com uma adolescente não era motivo de tabu. Porém, nota-se que suas intenções são sexuais, até porque ele pouco fala sobre os atributos da jovem além de suas características físicas. Humbert chega a se casar com Charlotte Haze apenas para ficar perto de Lolita e poder ter certo tipo de controle sobre a vida da jovem. Depois da conveniente morte da esposa, ele passa a manipular Lolita, fazendo ameaças de colocá-la em um reformatório se ela não agir como ele quiser. Porém, apesar de Lolita ter apenas 12 anos, ela já sabia como usar a perversão de Humbert a seu favor. A partir disto, vemos que a personagem Lolita já suspeita que Humbert esteja de alguma forma relacionado à morte de sua mãe, pois o mesmo apenas diz durante as viagens que Charlotte Haze está doente demais para falar com a filha, e Lolita passa a não acreditar nas mentiras dele.

Quanto à sexualidade de Dolores, ficamos sem saber até que ponto ela é de fato assim, ou até que ponto ela é *percebida* dessa forma por Humbert. Seja como for, como ele é o autor dos manuscritos em que ela é apresentada, vou desenvolver a minha leitura com base na forma como o personagem é apresentado. A Lolita de Humbert não é apenas uma adolescente comum, tem traços muito maduros para sua idade, tanto sexualmente quanto socialmente. Já perdera a virgindade em um acampamento de verão antes de conhecer Humbert, coisa que o choca inicialmente, já que ele esperava que a jovem tivesse uma certa inexperiência sexual.

Sensíveis senhoras e membros do júri, nem mesmo fui seu primeiro amante. (...) Ela me contou que havia sido desvirginada. (...) Seu surpreendente relato começou com uma menção introdutória a sua companheira de tenda no verão anterior, em outro acampamento de férias (...). A tal companheira (“um péssimo caráter”, “meio louca”, mas “uma garota legal”) instruiu-a em diversas manipulações. (NABOKOV, 2003, p. 137)

Por termos apenas a visão do personagem/narrador/autor Humbert Humbert, teremos de fazer a leitura do personagem que ele nos apresenta, com a ressalva de que interpretar o que Humbert nos diz, através de uma leitura psicanalítica onde a palavra do narrador é questionada, levaria a uma interpretação completamente diferente, na qual poderíamos inclusive nos perguntar sobre a sorte que ele teve ao ficar viúvo de uma esposa indesejada tão cedo, e assim guardião de sua joia tão preciosa. Mas essa leitura foge ao escopo do trabalho proposto. Assim, a Lolita de Humbert era uma jovem apaixonada por teatro e cinema, que já gostava de seduzir e provocar os meninos da sua idade, e comer balas e pirulitos que quase toda adolescente nessa idade gosta. Além disso, tinha uma relação

conturbada com sua mãe, na casa em que viviam apenas as duas. Lolita era uma adolescente rebelde e respondona, que gostava de se arrumar com as maquiagens da mãe.

Portanto, quando Humbert surge na vida das duas e passa a morar na casa das Haze, cria-se uma certa competição de ambas pela atenção do professor de literatura. Lolita logo percebe o interesse que Humbert tem por ela. Em uma cena, Humbert invade seu quarto e nota que há uma imagem de revista de um homem bonito com o seu nome escrito do lado, logo Humbert infere que a jovem nutre algum tipo de afeto por ele. Em outro momento, Lolita senta no colo de Humbert e lhe dá um beijo na boca, tudo isso sem Charlotte suspeitar que os dois tinham algum envolvimento. De acordo com Freud, essa competição com a mãe seria uma etapa no processo do crescimento, bem como reflexo da paixão inconsciente das meninas pelos seus pais, sem significar necessariamente que Lolita esperasse que suas provocações iriam ter consequências. É comum meninas sentirem atração por homens mais velhos, e ela poderia ter pensando que estava simplesmente brincando com Humbert, divertindo-se ao ganhar a atenção dele e competir com a mãe, vencendo a sua rival.

Rissin (2007) analisa esse triângulo amoroso composto pela mãe, filha e padrasto. Para a psicóloga, o processo da adolescência e o confronto com os pais acontece quando os jovens caminham em direção ao desligamento com os pais e são levados a um mundo mais amplo sem eles. No livro, Lolita passa também por este processo tanto com sua mãe como com Humbert. Há momentos em que ela sente a necessidade de romper a ligação com ambos e se tornar independente. Por isso, ela gera conflitos com seus cuidadores e responsáveis. É normal o adolescente passar por uma série de perdas, tais como estranhamento do novo corpo e mudanças que causam transformações inesperadas, perda relativa da proteção familiar na medida em que começa a querer traçar seu próprio destino. No final, isto tudo pode ser a causa de tanta rivalidade com a mãe.

Às vezes teme as novas situações com que se defronta, mas já não pode lançar mão dos pais da infância como apoio. Culpa-os pelo distanciamento e por não o reconhecerem. O maior juízo crítico faz com que antigas contas devam ser ajustadas, resultando numa relação conflituosa com os pais e, no caso das meninas, uma especial hostilidade em relação à mãe. (RISSIN, 2007)

As novas situações na vida dos jovens poderão fazer com que sintam medo, mas não podem mais contar com a ajuda de seus pais como quando eram crianças. Assim, tendem a culpar seus pais pelo distanciamento entre os dois, ou pelos pais não serem mais capazes de recolhê-los como antes faziam, tornando a relação mais conflituosa. Essa situação acontece

entre Charlotte e Lolita, que começa a tratar sua mãe de uma maneira hostil. Como Rissin (2007) menciona, não é incomum que nesse tipo de situação os pais acabem desistindo de seus filhos, que é o que acontece com Charlotte. Nessa fase em que se precisa de pais firmes para indicar o caminho, Lolita nem ao menos teve a chance de tentar se relacionar com sua mãe por causa do falecimento dela. Precisava da mãe para lhe dar suporte sobre as questões sexuais, mas infelizmente Dolores não teve a chance, e quando teve estava sendo a rival de sua mãe.

A rivalidade entre mãe e filha pela figura paterna em *Lolita* remete à teoria de Carl G. Jung sobre o complexo de Electra. Essa teoria foi baseada nas hipóteses de Freud e em sua teoria sobre o complexo de Édipo. Jung apenas direcionou mais os estudos para a ocorrência desta situação entre pai e filha. Quando a menina tem algum tipo de problema com seu pai, ou simplesmente não tem um pai presente – que é o caso de Dolores –, a filha cresce se sentindo inútil e abandonada. Ainda, as meninas que sofrem dessa síndrome tendem a ser sexualmente agressivas e querem chamar a atenção dos homens. Lolita demonstra esse tipo de comportamento ao longo do livro. Por não ter tido seu pai presente em sua vida, as meninas podem ainda tentar de alguma forma superar essa falta da figura paterna em algum parceiro que tenha características parecidas com as de seus pais. (cf. JUNG, 1915)

Lolita, mesmo estando sob os cuidados de Humbert quando sua mãe morre, não se torna submissa a ele. Pelo contrário, continua sendo aquela adolescente rebelde e respondona com seu padrasto. Quando as viagens se iniciam, por Arizona e Oregon, Dolores demonstra um comportamento que Humbert não esperava. O personagem tinha idealizado a menina perfeita, mas depois percebeu que a jovem questionava as proibições impostas e queria escolher os lugares onde iriam ficar em suas viagens. Humbert se ilude e acha que tem controle sobre a situação, mas ela o manipula ainda mais quando vê que pode fazer com que Humbert lhe dê presentes quando faz sexo com ele ou se comporta. Humbert chega a notar esse comportamento, mas mesmo assim ele está cegado por sua paixão obsessiva. Era melhor ter Lolita assim do que não a ter por perto.

Apesar de aparentemente ser uma jovem alegre e com o sonho de se tornar uma estrela, Lolita sentia-se triste por ter aquela vida ao lado de Humbert. Isso fica evidente quando pega suas economias e foge com outro homem que lhe promete a vida de artista. Em cenas é possível ver sua infelicidade, a menina se mostra introspectiva e calada quando está em casa com Humbert, chega a chorar e xingar o personagem. Humbert sente que havia roubado a adolescência de Lolita. Mesmo satisfazendo seus desejos com a jovem, no fundo

ainda havia o sentimento de culpa. Lolita se escondia atrás de seus doces, presentes e dinheiro, encontrando alguma felicidade instantânea. Quando a jovem foge com a esperança de se tornar uma estrela de cinema, mais uma vez se desaponta, pois, seu novo amante, Clare Quilty, vivia em orgias, e não era isso o que ela desejava.

Antes de Dolores morrer a vemos em um momento de felicidade com seu novo marido Richard Schiller e grávida com apenas 16 anos. Humbert vê que sua Lolita pela última vez, percebe que estava diferente e mais velha, mas mesmo assim quis que ela largasse tudo e ficasse com ele. Sabendo que ele sente repulsa por mulheres que extrapolaram a fase de ninfeta, ficamos com a impressão de que Humbert desenvolveu por Lolita um tipo diferente de amor, como se esse amor o fizesse superar as antigas limitações. Porém Dolores deseja permanecer em sua nova vida. Ela também parece ter ultrapassado a fase dos desafios: voltar a ficar com Humbert seria um retrocesso e ela viveria infeliz novamente. Por fim, Dolores Haze morre no parto, junto com seu bebê, permanecendo na memória de Humbert como sua eterna Lolita. O sobrenome “Haze” em inglês equivale a um substantivo que significa “névoa”, indicando que tanto Charlotte quanto Dolores têm a percepção embotada sobre a situação em que se encontram, movimentando-se dentro das fantasias que criam, sem perceber os perigos aos quais acabam ficando expostas.

2.3 PERVERSÕES EM *LOLITA*

As perversões presentes na obra de Nabokov são percebidas nos comportamentos dos personagens Humbert e Dolores Haze. Como Pereira observa em seu artigo, o romance entre Humbert e Lolita é como um jogo de sedução. A palavra seduzir vem do latim “*seducere*” que significa levar para o lado, em outras palavras, é algo que nos faz desviar do caminho ou sair da rota esperada. O desejo que Humbert sente por Lolita faz com que ele se desvie da rota de um comportamento normal, que para ele não é natural. As marcas do desvio são divididas em três aspectos: na caracterização do personagem, Humbert; no rumo que vai tomar a vida de Lolita; e ainda no que se estabelece como a viagem e seus roteiros (Cf. PEREIRA, 2013). Humbert já possuía o seu desvio sexual. Lolita tem sua vida transformada quando conhece Humbert e nas viagens nas quais é ela quem estabelece os roteiros.

Humbert e Lolita mantêm um papel aos olhos de todos, são pai e filha. Humbert gosta dessa situação de fingir ser seu pai e ter controle sobre a menina. Também é muito agradável

o fato de que ele – que planejava seduzir Lolita, tendo assim que lidar com a culpa envolvida – acaba sendo seduzido por ela. Sendo assim, uma das condições de sustentação da sedução é a não entrega, é esse jogo de subtração (cf. PEREIRA, 2013). Lolita não é submissa ao seu amante, e Humbert apesar de se queixar por vezes desse comportamento, aceita essa entrega não total de sua parceira. Enquanto Lolita tem suas próprias fantasias, ao recordar o lugar onde ocorreu sua primeira relação sexual com Humbert, o personagem apenas diz que fora o lugar onde havia sido estuprada. Porém Humbert, naquele dia, ficara surpreso por Lolita haver demonstrado certa experiência sexual.

Em outro momento, quando estão viajando, Lolita faz com que Humbert se pergunte que pode ter talvez realizado atos sexuais com a menina sem seu consentimento:

- Segue em frente – ,gritou Lô, numa voz metálica.

- Está bem. Fique calma – (Deitadinho aí, seu pobre vira lata, deitadinho aí).

Olhei-a de soslaio. Graças a Deus a criança estava sorrindo.

- Seu bruto –, ela disse, sorrindo meigamente para mim. – Você não vale nada. Eu era uma mocinha pura e inocente, e olha só o que você fez comigo. Devia chamar a polícia e dizer que você me violentou. Ah, seu velho sujo, sujo!

Seria só um gracejo? Havia uma nota ameaçadora, quase histérica em suas palavras tolas. Logo depois, fazendo com os lábios um som que parecia um chiado, Lô começou a queixar-se se dores, disse que não podia ficar sentada, que eu havia arrebatado alguma coisa dentro dela. O suor escorria-me pelo pescoço e quase atropelamos um animalzinho qualquer que cruzava a estrada com o rabo empinado, e mais uma vez minha vitriólica companheira me chamou de nome feio. (NABOKOV, 2003, p. 143)

A partir desta cena é possível apontar que o personagem poderia estar percebendo a realidade de forma distorcida. Humbert interpreta que Lolita esteja se divertindo com a situação, mas podemos ver que o personagem está sentindo dor e não rindo. Humbert e Lolita estavam tendo relações sexuais por quase todos os hotéis que passavam, mas neste trecho tomamos a indicação de que Lolita poderia ter sido estuprada por Humbert e não ter consentido em alguma de suas relações. Humbert fica preocupado com essa acusação e começa a se questionar se realmente a estuprou ou não mais tarde depois deste ocorrido. Ainda, o narrador Humbert é um paciente psiquiátrico, portanto pode não ser um narrador confiável. Humbert poderia estar interpretando o medo de Lolita e suas estratégias de escape como consentimento e só nesta cena o personagem começou a pensar na possibilidade de que poderia ter estuprado Lolita.

Há cenas em que Lolita chama Humbert de pai, e há cenas em que o acusa de tê-la corrompido, ou faz menção a incesto - mesmo sabendo que Humbert não é seu pai biológico.

Apesar de Lolita parecer consentir nas relações sexuais, em uma das vezes ela parece estar sonolenta, tendo sido drogada por Humbert. Em outros momentos, parece que Dolores também demonstra suas perversões e sua esperteza, por fazer Humbert se sentir culpado por ter tido relações sexuais com ela, ou talvez para tentar obter uma confissão sobre a morte de sua mãe. Humbert sabe que é perverso, mas ao ouvir que tinha destruído a vida dela, ele se sente culpado. Até então, não lhe ocorrera que o que estavam fazendo fosse algo errado, a sua perversão e obsessão por Lolita lhe causou uma cegueira lógica em que ele não era capaz de perceber que suas ações poderiam causar mal a Lolita. Como vimos na citação acima, é possível perceber que a paixão de Humbert não é retribuída. Lolita não tem medo de dizer o que pensa, ou de culpar Humbert por corrompê-la.

No final desta história repleta de perversões e abusos, temos como desenlace a morte dos dois protagonistas. Os personagens de desta forma pagam por suas ações transgressoras. Lolita morreu ainda jovem, Humbert ficou sozinho e com o tempo terminou por se suicidar. Nabokov escreve uma história mostrada por dentro, sem filtros morais, e o leitor tem a oportunidade de penetrar nesses territórios proibidos. Dito isso, passamos agora a verificar por que essa imagem de Lolita se tornou parte do imaginário ocidental, e de que maneiras as características dos comportamentos sexuais dos personagens principais assim como suas personalidades serão comparadas com os personagens descritos nas obras musicais de Lana Del Rey.

3 LANA DEL REY

Elizabeth Woolridge Grant, mais conhecida como Lana Del Rey, é uma cantora e compositora americana nascida em 21 de junho de 1985. Em suas obras musicais, os principais temas abordados são a melancolia e os romances trágicos. O estilo de Del Rey pertence à cultura pop e é influenciado pela música dos anos 1950 e 1960. Ela diz em entrevistas que sempre gostou de cantar, desde muito nova. Começou cantando em igrejas, quando criança. Aos 15 anos teve problemas com álcool e foi mandada para um colégio interno. Lana Del Rey até hoje retrata esse lado da sua vida nas músicas. Depois de concluir o ensino médio, foi aceita na Faculdade Estadual de Nova York em Geneseo, mas decidiu não fazer faculdade e foi morar com seus tios em Long Island. Nessa época, ela começou a trabalhar como garçone e seu tio lhe ensinou a tocar violão. Assim, passou a fazer shows nos bares locais, por vezes fazendo *covers* e por vezes cantando músicas compostas por ela mesma (RODRIGUES, 2016). Usou diversos pseudônimos, como Sparkle Jump Rope Queen, Lizzy Grant e The Phenomena para cantar nesses locais (SAVAGE, 2012).

No ano seguinte entrou para a Universidade de Fordham, onde se graduou em Filosofia com ênfase em Metafísica. Segundo Del Rey, a escolha do curso se deu porque superou a lacuna entre Deus e a ciência: “Eu estava interessada em Deus e em como a tecnologia poderia nos aproximar de descobrir de onde e por que viemos” (FLINT, 2013). Depois da graduação, em 2005, a cantora passou a residir no Brooklyn, onde começou sua carreira musical. Mas apenas em 2011 chamou atenção dos internautas por conta do vídeo clipe feito por ela mesma para a música “Video Games”, se tornando assim um sucesso na internet e no YouTube. Desde então, Lana Del Rey gravou cinco álbuns. Na maioria das vezes, ela compõe suas músicas, exceto algumas onde há a contribuição de outro artista. Mas mesmo assim, a cantora nunca usa canções inteiramente compostas por outros artistas. Sempre há, mesmo que não seja de forma completa, a composição de Lana Del Rey nas músicas que ela grava (cf. WIKIPEDIA CONTRIBUTORS, 2017).

Assim como ocorre no primeiro vídeo clipe, Del Rey costuma dirigir muitos dos vídeos de suas músicas. Atua como escritora, compositora, cantora e diretora de suas músicas

e clipes. Nos primeiros vídeos, Del Rey usava partes de filmes e desenhos como: *Disney Fantasia 2000*, *A Bela Adormecida*, *Sailor Moon*, *Lolita* de Stanley Kubrick (1962) e *Lolita* de Adrian Lyne (1998), juntamente com gravações feitas por ela mesma através de câmeras ou *webcams*. Em 2012, lançou seu primeiro curta metragem para a música “Ride”. No vídeo, Del Rey faz um monólogo sobre a história de seu personagem no curta, uma prostituta que não liga para a desaprovação de familiares e amigos sobre seu estilo de vida. No clipe, é mostrada a vida do personagem que vive de motel e em motel com amantes diferentes e fazendo apresentações em bares.

Em 2013, Del Rey lança outro curta metragem escrito por ela chamado *Trópico*, onde ela junta três músicas do álbum *Born to Die: Paradise Edition*, sendo elas “Body Electric”, “Gods and Monsters” e “Bel Air”. O curta metragem é baseado na temática bíblica do pecado e da redenção. Del Rey representa Eva e Shaun Ross Adão. O filme foi premiado no *Cinerama Dome* em Hollywood, Califórnia em dezembro de 2013. Del Rey traz o mito de Adão e Eva para a cultura pop. No curta é possível identificar personagens como Marilyn Monroe e Elvis Presley. A cantora ainda cita poemas em seu curta, tais como *I Sing the Body Electric* de Walt Whitman e *Why I Love America* de John Mitchum. Del Rey faz uma mistura de literatura, cultura dos anos 50 e 60 e cultura da atualidade na maioria dos seus clipes e músicas. Além disso, se mostra grande fã dos autores Walt Whitman e Vladimir Nabokov, usando com frequência referências de ambos em suas obras.

A carreira de Lana Del Rey pode ser dividida em fases e personas diferentes, a cantora relevou em uma entrevista que a *persona* para o álbum de 2012 seria uma mistura de “Nancy Sinatra gangster” e “uma Lolita perdida na vizinhança” (ABEBE, 2011). Assim, as músicas de seu álbum de 2012, *Born to Die*, remetem ao livro de Vladimir Nabokov *Lolita*. Em seus shows é possível vê-la com penteados típicos dos anos 50 e 60, em vestimentas que são uma mistura do *vintage* com o moderno. Em outras palavras, Del Rey tem o cuidado de trazer elementos para compor sua *persona*, tais como: olhos dramáticos, cabelos altos, tiaras nos cabelos, vestidos curtos por vezes retos e por vezes rodados, remetendo ao estilo de uma jovem americana dos anos 50 e 60.

FIGURA 1



O ESTILO DE LANA DEL REY (2014)

Neste capítulo, farei referência a algumas músicas do álbum *Born to Die*, pois é nele que a cantora faz diálogo com o livro de Nabokov. Primeiro observaremos as letras, para a seguir relacioná-las ao romance *Lolita*. Para uma dessas músicas escolhidas, além da letra comentarei também o vídeo clipe dirigido por Lana Del Rey, com o objetivo de entender quais elementos foram escolhidos pela artista para trabalhar a obra de Nabokov.

3.1 A VIDA IMITA A ARTE: AS MÚSICAS DE LANA DEL REY

Em *Born to Die* há referências claras ao livro *Lolita*. A música “Off the Races”, por exemplo, começa com uma citação direta de um frase do livro “*light of my life, fire of my loins*”. A música remete às muitas viagens que Lolita e Humbert fizeram juntos, por várias cidades. Uma das músicas se chama “Lolita” e descreve a vida de uma garota que é rebelde e inconsequente, assemelhando-se à Lolita de Nabokov. No livro, Humbert chama sua amada de Carmen, que é o nome de outra música desse álbum de Del Rey. A música “Carmen” conta a história de uma atriz jovem e famosa cuja vida se tornou miserável. Como Dolores Haze também queria ser famosa no livro, a “Carmem” de Del Rey oferece um possível futuro alternativo – mas igualmente desapontador – para sua Lolita. Ainda, na música “Diet

Mountain Dew” há uma referência aos populares óculos em formato de coração que Lolita usa no filme de Stanley Kubrick em 1962. Além disso, nas músicas o personagem chama seu amante de “Daddy”, que é como Dolores chama Humbert quando talvez estivesse fantasiando um incesto. As músicas escolhidas deste álbum para serem analisadas são “Off the Races”, “Lolita” e “Carmen”.

Para demonstrar a sexualidade de suas músicas, Del Rey, usa muito as cores vermelho e escarlate e elementos da natureza como o fogo. Em outras partes das músicas ela menciona piscinas, água e a cor azul, representando o lado melancólico dos personagens. Suas escolhas de palavras para representar as relações sexuais não são diretas, mas é possível fazer uma análise de alguns trechos das músicas como: “Relying on the kindness of strangers²/ Tying cherry knots while doing party favours” (DEL REY, 2012c), “Would you be mine, would you be my baby tonight? ”, “I could be yours, I could be your baby tonight”, “Just you and me feelin' the heat/ Even when the sun goes down” e “I know what the boys want, I'm not gonna play” (DEL REY, 2012d). Nesses trechos é possível perceber que os favores mencionados poderiam ser sexuais. Quando o personagem diz que ele ou ela poderiam ficar juntos de noite até o amanhecer, essa poderia também ser uma representação da sexualidade. Em outro momento, ela fala sobre o que os meninos querem brincar; meninos adolescentes, quando descobrem a sexualidade, tendem a ser muito voluptuosos.

No resto de suas músicas, a compositora apenas representa a paixão que seus personagens possuem e mostra como a sua Lolita é apaixonada e obcecada pelo seu amante. Por outro lado, ela consegue descrever a sensualidade do personagem, sendo uma Lolita mais velha em torno de 16-18 anos em Coney Island no Brooklyn, por quem todos os meninos e meninas se apaixonam, e que quebra os corações de alguns deles às vezes apenas para se divertir. Também se interessa por homens mais velhos e se mostra manipuladora e inteligente. Seu personagem é mostrado vestindo vestidos vermelhos, se maquiando, tomando bebidas alcoólicas ou comendo sorvete. Lana Del Rey, às vezes, mostra que seu amante gosta de vê-la fazendo essas atividades consideradas normais, como se cada movimento de sua Lolita fosse algo sensual para ele. Na música com o nome “Lolita”, vemos um pouco disso, é onde Del Rey descreve a personalidade do personagem, como vemos na letra de “Lolita” por Lana Del Rey:

² Este título faz referência à fala final da personagem Blanche Dubois na peça *A Streetcar Named Desire*, de Tennessee Williams. Assim como Dolores, Blanche é uma sobrevivente de um mundo que terminou: perdeu sua família e seu dinheiro e agora utiliza os recursos de sedução que ainda possui, pois está envelhecendo, para ir levando a vida.

Would you be mine, would you be my baby tonight?
 Could be kissing my fruit punch lips in the bright sunshine
 Cause I like you quite a lot,
 Everything you got, don't you know?
 It's you that I adore,
 Though I make the boys fall like dominoes
 Kiss me in the d.a.r.k. dark tonight
 D.a.r.k. do it my way
 Kiss me in the p.a.r.k. park tonight
 P.a.r.k. let them all say
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 I know what the boys want, I'm not gonna play
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 Listen all you want but I'm not gonna stay
 No more, skipping hope, skipping heartbeats
 With the boys downtown
 Just you and me feelin' the heat
 Even when the sun goes down
 I could be yours, I could be your baby tonight
 Topple you down from your sky forty stories high
 Shining like a god,
 Can't believe I caught you and so
 Look at what I bought, not a second thought, oh Romeo
 Kiss me in the d.a.r.k. dark tonight
 D.a.r.k. do it my way
 Kiss me in the p.a.r.k. park tonight
 P.a.r.k. let them all say
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 I know what the boys want, I'm not gonna play
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 Listen all you want but I'm not gonna stay
 No more, skipping hope, skipping heartbeats
 With the boys downtown
 Just you and me feelin' the heat
 Even when the sun goes down
 I want my cake and I want to eat it too
 I want to have fun and be in love with you
 I know that I'm a mess with my long hair
 And my suntan short dress, bare feet
 I don't care what they say about me
 What they say about me
 Because I know that it's l.o.v.e.
 You make me happy, you make me happy
 And I never listen to anyone.

Let them all say
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 I know what the boys want, I'm not gonna play
 Hey Lolita, hey
 Hey Lolita, hey
 Whistle all you want but I'm not gonna say
 No more, skipping hope, skipping heartbeats
 With the boys downtown
 Just you and me feelin' the heat
 Even when the sun goes down (DEL REY, 2012d)

Nesta primeira música podemos ver melhor a personalidade da Lolita criada por Lana Del Rey. Ela ama o seu amante, que pode ser um homem mais velho, mesmo brincando com os sentimentos dos outros meninos do bairro que são da sua idade, assim mostrando que esses meninos são apenas para seu divertimento, pois não se interessa realmente por eles. O único a quem ela leva a sério é o seu amante. As diferenças entre esta Lolita e a de Nabokov são várias: ela é quem está narrando a ação; não temos motivos para duvidar de sua sanidade mental; não há dúvidas de que ela está consentindo com ou provocando as relações. Ela se apropria da sexualidade com o fim de obter prazer e não se sente culpada por isso.

Del Rey descreve a aparência física do personagem, que tem cabelos compridos, é bronzeada e usa *shorts* curtos. Outro aspecto importante é que ela diz em muitos momentos que sabe o que está fazendo, ficar com o seu amante é algo correto para ela mesmo que os outros se oponham. Isso demonstra sua impulsividade, teimosia e uma certa independência, mesmo sendo ainda jovem. Em outros trechos, é mostrado que o personagem apenas faz o que quer na hora que quer, sem dar importância para a opinião dos demais. Para ela, seu amante é a pessoa perfeita, chegando a comparar o romance dos dois com *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, uma tragédia onde ambos morrem no fim. Na peça de Shakespeare, as famílias de Romeu e Julieta não aceitariam o relacionamento do casal da mesma forma que os pais da Lolita de Del Rey talvez não aprovassem a relação dela com um homem mais velho. Assim como na peça, a solução seria fugir da família, ser feliz longe. Eles estão dispostos até mesmo a morrer um pelo outro para ficarem juntos, como ocorre na peça.

Del Rey compõe sua personagem também como sendo mandona, ela determina como tudo deve ser feito, da forma dela e como ela gosta; não se mostra nem um pouco submissa ao seu amante, e ele a aceita dessa forma. Em outras canções Del Rey continua mostrando esse lado dominante de sua Lolita, que por vezes chega a ser manipuladora para conseguir o que ela

quer ou precisa. Na segunda música de Del Rey, temos a descrição de viagens dos personagens, mostrando como é a relação amorosa entre eles. Ainda há a referência mais clara do livro *Lolita* com uma citação direta. Sendo assim, aqui temos a letra da música “Off the Races”:

My old man is a bad man
 But I can't deny the way he holds my hand
 And he grabs me, he has me by my heart
 He doesn't mind I have
 A Las Vegas past
 He doesn't mind I have
 A L. A crossway about me
 He loves me with every beat of his cocaine heart
 Swimming pool
 Glimmering darling
 White bikini off with my red nail polish
 Watch me in the swimming pool
 Bright blue ripples
 You sit sippin' on your black cristal, oh yeah
 Light of my life, fire of my loins
 Be a good baby, do what I want
 Light of my life, fire of my loins
 Give me them gold coins
 Gimme them coins
 And I'm off to the races, cases
 of Bacardi chasers
 Chasing me all over town
 Cause he knows I'm wasted, facing
 Time again on Riker's Island
 and I won't get out
 Because I'm crazy, baby
 I need you to come here and save me
 I'm your little scarlett, starlet
 Singing in the garden
 Kiss me on my open mouth
 Ready for you
 My old man is a tough man
 But he got a soul as sweet as blood red jam
 And he shows me, he knows me
 Every inch of my tall black soul
 He doesn't mind I have a flat broke down life
 In fact he says he thinks
 it's what he might like about me
 Admires me
 The way I roll like a rolling stone
 Likes to watch me in the glass room, bathroom
 Chateau Marmont

Slipping on my red dress
 Putting on my make up
 Glass full, perfume, cognac, lilac, fume
 Says it feels like heaven to him
 Light of his life, fire of his loins
 Keep me forever, tell me you own me
 Light of your life, fire of your loins
 Tell me you own me, gimme them coins
 And I'm off to the races, cases
 of Bacardi chasers
 Chasing me all over town
 Cause he knows i'm wasted, facing
 Time again on Riker's Island
 and I won't get out
 Because I'm crazy, baby
 I need you to come here and save me
 I'm your little scarlett, starlet
 Singing in the garden
 Kiss me on my open mouth
 And I'm off to the races, laces
 Leather on my waist is
 Tight and I'm fallin' down
 I can see your faces, shameless
 Cipriani's basement
 Love you, but I'm going down
 God I'm so crazy, baby
 I'm sorry that I'm misbehaving
 I'm your little harlot, starlet
 Queen of Coney Island
 Raising hell all over town
 Sorry 'bout it
 My old man is a thief
 And I'm gonna stay and pray with him 'til the end
 But I trust in the decision of the lord to watch over us
 Take him when he may, if he may
 I'm not afraid to say
 That I'd die without him
 Who else is gonna put up with me this way?
 I need you, I breathe you, I'll never leave you
 They would rue the day I was alone without you
 You're lying with your gold chain on
 Cigar hanging from your lips I said
 "hon', you never looked so beautiful
 As you do now, my man"
 And I'm off to the races, places
 Ready, set the gate is down
 And now we're goin' in
 To Las Vegas, pay us

Casino Oasis
 Honey it is time to spin
 Boy you're so crazy, baby
 I love you forever
 Not maybe
 You are my one true love
 You are my one true love
 You are my one true love (DEL REY, 2012e)

Esta é a música mais longa do álbum, e a que mais contém referências ao livro de Nabokov. Temos a citação direta do trecho inicial do romance, que no original em Inglês está assim: “Lolita, light of my life, fire of my loins. My sin, my soul” (NABOKOV, 2006, p. 3). A música é dividida em duas partes. Aquelas em que Del Rey canta com uma voz mais grave, se referem quando o personagem fala de assuntos mais maduros e adultos e se dirige ao seu amante como “meu velho” (*my old man*). As outras partes são quando ela canta com uma voz mais aguda para representar a infantilidade de seu personagem, geralmente nos refrãos e nas partes onde o personagem diz que precisa dele, mostrando também o amor dela que é quase uma obsessão. Mais uma vez, Del Rey menciona que seu personagem não tem medo de morrer por seu amado. Como vemos, a Lolita de Del Rey se apropria de seus atos, de seu destino e de sua sexualidade, o que faz com que nesse aspecto ela seja flagrantemente diferente da Lolita de Nabokov, que vem até nós através da memória não confiável de Humbert.

A Lolita de Del Rey é mais velha, possui um passado e seu amante a aceita desta forma. O passado da Lolita de Del Rey está relacionado com o mundo das drogas e do álcool em Las Vegas. Como referido anteriormente, há diversos elementos autobiográficos nas músicas desta artista. Fica claro a forma como o amante do personagem a ama e admira, gosta de vê-la se vestindo, na piscina, se maquiando e colocando perfume. Tudo o que Lolita faz parecer fasciná-lo, até mesmo o seu passado conturbado. Talvez seja por causa disso que ele goste tanto dela, como explicita este trecho: “He doesn't mind I have a flat broke down life/ In fact he says he thinks it's what he might like about me”. Ela precisa dele desesperadamente, chega a dizer que morreria sem ele, pois seu amante é o único que gosta dela da forma como ela é. Seu amor por ele é obsessivo; na visão de Lolita ele é quem cuida dela, o amante é uma mistura de salvador e herói em sua vida, tanto emocionalmente quanto financeiramente.

O personagem demonstra que precisa do dinheiro de seu benfeitor em trechos que pede moedas a ele, novamente fazendo uma referência a *Lolita*. No livro Dolores pedia moedas e dinheiro a Humbert, para juntar e um dia poder fugir. Porém a Lolita de Del Rey se mostra muito dependente e apaixonada, não quer fugir do companheiro, quer apenas comprar roupas,

maquiagens, bebidas caras e fazer viagens. Mesmo já sendo adulta, demonstra um lado infantil que precisa ser amparado por seu cuidador. Também há trechos com menção a desobediências, em que ela pede desculpas para seu amante. O personagem de Del Rey é uma mistura de mulher com menina. Gosta de ter o controle da sua vida e de ser livre, mas em certos momentos gosta de depender de seu amante e de se submeter a ele. Há, também, uma referência a Coney Island, uma zona residencial na parte sul do bairro do Brooklyn, em Nova York, lugar onde Del Rey nasceu e cresceu. Isso faz com que o personagem descrito nas músicas fique mais próximo da história de vida da artista. Outra música que contém referência a Coney Island é “Carmen”, como vemos a seguir em sua letra:

Darling, darling, doesn't have a problem
 Lying to herself
 Cause her liquour's top shelf
 It's alarming honestly how charming she can be
 Fooling everyone, telling them she's having fun
 She says you don't want to be like me
 Don't wanna see all the things I've seen
 I'm dying, I'm dying
 She says, you don't want to get this way
 Famous and dumb at an early age
 Lying, I'm lying
 The boys, the girls, they all like Carmen
 She gives them butterflies, bats her cartoon eyes
 She laughs like god, her mind's like a diamond
 Audiotune lies, she's still shining
 Like lightning, oh, white lightning
 Carmen, Carmen, staying up til morning
 Only seventeen, but she walks the streets so mean
 It's alarming truly how disarming you can be
 Eating soft ice cream, Coney Island queen
 She says you don't want to be like me
 Looking for fun, get me high for free
 I'm dying, I'm dying
 She says you don't want to get this way
 Street walking at night, and a star by day
 It's tiring, tiring
 The boys, the girls, they all like Carmen
 She gives them butterflies, bats her cartoon eyes
 She laughs like god, her mind's like a diamond
 Audiotune lies, she's still shining
 Like lightning, oh, white lightning
 Baby's all dressed up, with nowhere to go
 That's the little story of the girl you know

Relying on the kindness of strangers
 Tying cherry knots while doing party favours
 Put your red dress on, put your lipstick on
 Sing your song, song, now, the camera's on
 And you're alive again
 Mon amour, je sais que tu m'aimes aussi
 Tu as besoin de moi
 Tu as besoin de moi dans ta vie
 Tu ne peux plus vivre sans moi
 Et je mourrais sans toi
 Je tuerais pour toi
 The boys, the girls, they all like Carmen
 She gives them butterflies, bats her cartoon eyes
 She laughs like god, her mind's like a diamond
 Audiotune lies, she's still shining
 Like lightning, oh, like lightning
 Like lightning, oh, like lightning
 Darling, darling, doesn't have a problem
 Lying to herself
 Cause her liquor's top shelf (DEL REY, 2012c)

Nesta música é possível perceber que Carmen tem 17 anos e está vivendo uma vida de estrelato. Tudo era para ser perfeito nessa nova vida, porém o que aparece é o lado ruim de ser uma estrela tão jovem. Carmen é charmosa e todos ao seu redor gostam dela, seja homens ou mulheres. Aparenta ser uma pessoa feliz e sem problemas, mas é de fato uma pessoa triste. Ela faz favores em festas e conta com a bondade de pessoas estranhas, como dito anteriormente. É possível inferir que Carmen precisa fazer favores sexuais para manter seu emprego. Quando não está nas festas, fingindo ser feliz em frente das câmeras ou sendo uma estrela durante o dia, fica andando pelas ruas tarde da noite.

A voz narrativa de Del Rey declara que seu personagem Carmen é muito jovem para esse tipo de vida. Fica claro que o personagem usa drogas para poder, de alguma forma, tolerar sua infelicidade. Apesar de ser quase adulta, ainda se mostra infantil por dentro, tomando sorvete pelas ruas de Coney Island. Carmen parece também se arrepender das escolhas que fez em se tornar uma artista. Na letra, é como se o personagem de Del Rey estivesse dando conselhos para alguém sobre o que fazer, como se achasse que ninguém ia querer aquele tipo de vida que ela tem, e faz isso na terceira pessoa como se estivesse narrando a história de Carmen. Fãs de Lana Del Rey chegam a dizer que esta é uma das músicas mais tristes da cantora, pois está próxima da sua realidade, e mostra como também tem a ver com a nossa realidade, de como fingimos que tudo está bem diante de uma câmera real ou imaginária, ou

quando estamos em uma festa, mas quando estamos sozinhos adquirimos algum vício para tentar suprir nossa infelicidade. No caso da música Carmen, se trata de drogas e álcool.

Quando no fim da música há um trecho em francês, Del Rey causa o mesmo estranhamento que Nabokov causou em seu livro, no qual temos várias partes em francês sem tradução alguma. É possível entender o livro *Lolita* sem conhecimento de Francês, mas certas partes se perdem. Acredito que Nabokov tenha posto trechos e palavras naquele idioma para causar estranhamento no leitor, e também para mostrar o quão culto Humbert era. Na música este trecho é importante porque até então não fora citado um amante, e no trecho é dito o quanto ela precisa dele em sua vida e que morreria sem ele fazendo uso da primeira pessoa. A forma como a paixão obsessiva aparece deixar claro que o personagem de Lana Del Rey tem não só as características de Lolita (infantil, vaidosa, atraente e sensual), mas também incorpora as características de Humbert (obcecada, poderosa, culta).

Existe o vídeo clipe de “Carmen”, que também é dirigido por Lana Del Rey. As escolhas feitas para a produção deste material também remetem ao romance de Nabokov. A vida de Carmen é representada através do conjunto de edições de vários vídeos postos juntos. Há cenas abstratas, ou uma flor vermelha desabrochando, gravações da Lana Del Rey com o modelo Josh Rachlin, gravações da cidade de Nova York, vídeos antigos de paparazzi, desenhos animados, mulheres no pole dance e moças jovens que aparentam ser da década de 50 ou 60. Além de usar o efeito em preto e branco, as outras partes do vídeo têm um tom amarelado ou avermelhado. As vestimentas de Del Rey no clipe também são de grande importância, já que ela está interpretando o papel de Carmen, personagem da música. Usando short curtos, blusa que mostra seu abdômen e um penteado com tranças em torno de sua cabeça chamado também de “trança holandesa”, ela representa uma jovem independente que não liga para o que os outros dizem sobre seu estilo de vida. Mesmo que ela esteja infeliz e no mundo das drogas, há um esforço para parecer que tudo está bem.

FIGURA 2



CARMEN (2012)

É uma característica de Lana Del Rey fazer referências a clássicos da cultura Pop e a obras fílmicas e literárias. Como grande fã das obras de Nabokov, Del Rey homenageia o escritor em suas músicas. Todavia, ela modifica o conceito do personagem original de Nabokov e transforma em um personagem moderno em suas músicas. A Lolita de Nabokov é criação de um autor homem, e por isso pode-se dizer que representa as fantasias de um imaginário masculino. Humbert procura controlar Dolores com base no fato de que ela é uma criança indefesa e ele o único protetor com quem ela pode contar. Mas a Carmen de Del Rey é uma pessoa famosa. Num determinado nível de entendimento da música, é ela quem gera dinheiro, ela não precisa ser mantida por ninguém. Se tiver necessidades ou carências elas são psicológicas, não são econômicas. Porém, em outros níveis de leitura, transparece também que – exatamente como ocorre com Dolores – se ela não prestar favores sexuais toda essa fama pode ser tirada de suas mãos.

Existe, ainda, a dimensão autobiográfica nas produções de Del Rey, onde os personagens trazem traços da autora, o seu próprio passado em Coney Island e seus problemas com álcool na adolescência. A Lolita de Lana Del Rey é contemporânea, mais próxima da realidade, mas mantém algumas características notáveis do personagem de Nabokov. As semelhanças e diferenças entre as Lolitas de Lana Del Rey e Nabokov serão comparadas, assim como as características de seus amantes.

3.2 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *LOLITA* E LANA DEL REY

A cantora, compositora e diretora Lana Del Rey baseou-se no personagem Lolita de Nabokov para compor sua *persona* no álbum *Born to die* de 2012. Já foi mencionado que Del Rey fez sua própria leitura do personagem e a transformou em outra mais atual, juntamente com algumas características do seu passado e seus problemas com álcool. O personagem de Lana Del Rey apresenta características da personalidade da autora nas músicas. É teimosa, impulsiva, manipuladora e perdidamente apaixonada por seu amante. Já na obra de Nabokov, Lolita se mostra também com algumas destas características, porém não há esse amor recíproco e obsessivo por Humbert. Na história vemos que é somente Humbert quem sente uma paixão doentia por Lolita.

Dolores Haze sempre foi respondona com a sua mãe. Na puberdade é comum os jovens serem rebeldes com seus pais e pensarem que o que estão fazendo é correto. A Lolita de Nabokov viva como amante de Humbert quando estavam viajando, na frente dos demais eram pai e filha, mas entre quatro paredes estavam tendo relações sexuais e agindo como namorados. No início do livro, é possível ver indicações de que Lolita poderia ter de fato gostado de Humbert, há cenas em que ela senta em seu colo e o beija. Ela também escreve o nome de Humbert embaixo de uma foto de um homem famoso da época que ela tem em seu quarto. Talvez ela estivesse simplesmente brincando com ele como já fazia com outros meninos de sua idade. Lolita nunca poderia adivinhar que sua brincadeira se tornaria algo sério. Enquanto sua mãe estava viva, ela estava protegida de Humbert de certa forma. Há indicações de que Dolores fazia “brincadeiras” sexuais com um menino do acampamento, e talvez, até com as outras meninas também.

Na música de Del Rey, seu personagem gosta de iludir os meninos da sua idade, mas mesmo assim mantém a fidelidade ao seu parceiro. Mesmo que ela provoque os rapazes, não irá realmente fazer nada com eles, já que menciona “*I know what the boys want, I’m not gonna play*”. Na obra de Nabokov, Lolita fica proibida por Humbert de ter contato com os meninos. Ele temia que sua amada o largasse por qualquer adolescente. Ela percebia este ciúme e o provocava flertando com outros rapazes e homens na sua frente. Aqui as duas se diferenciam. Enquanto o personagem de Lana Del Rey faz questão de se manter fiel ao seu amante, Lolita poderia deixar Humbert, como de fato o faz. A diferença entre as duas é que

a primeira está em um relacionamento por vontade própria, enquanto que a segunda é a refém de um raptor. Por mais que pareça que ela faz tudo de boa vontade, ou até mesmo que ela é quem está o manipulando, pode-se concluir que Dolores está apenas explorando as poucas movimentações possíveis dentro de seu espaço como prisioneira.

O personagem de Lana Del Rey tem suas características físicas próprias: cabelos compridos, é bronzeada e usa shorts curtos. Enquanto que no livro temos uma Lolita pálida, cabelos castanho-avermelhado e com lábios avermelhados (NABOKOV, 2003, p. 39). Cada uma se veste de acordo com a moda de sua época. Dolores Haze usa saias rodadas, vestidos e blusas com tecidos xadrez e calças jeans (NABOKOV, 2003, p. 43). O personagem de Del Rey, nos cliques, veste roupas atuais, mostra o abdômen e as pernas. No livro de Nabokov as roupas de Lolita são comportadas, ela veste roupas que podem ser consideradas recatadas. Já o personagem de Del Rey tem mais liberdade para, com suas roupas curtas, atrair a atenção dos homens a sua volta.

Assim como nas músicas de Lana Del Rey, a Lolita de Nabokov também aparenta ter dois lados de sua personalidade. Um que ela mostra para todos e para Humbert, onde finge estar feliz com toda a situação. E outro onde aparece em momentos chorando e brigando com Humbert, demonstrando seu descontentamento com toda a situação que está vivendo. O personagem de Lana Del Rey também é descrito como possuindo dois lados em sua personalidade. Em momentos sorri e encanta todos a sua volta, em outros está triste e tenta suprir sua infelicidade com álcool e drogas. As duas precisam lidar com a insegurança desta fase de mudanças e se esforçam para esconder o medo. As duas procuram se adaptar ao comportamento que imagino ser o esperado de uma jovem mulher. E apesar de a Lolita de Del Rey ser aparentemente muito mais independente e livre, parece que as duas continuam reproduzindo um mesmo modelo de comportamento no qual, para chegar a algum lugar, a mulher tem de ceder e seduzir.

Outro aspecto que se repete nos dois personagens é a mistura de uma personalidade ao mesmo tempo adulta e infantil. Na obra de Nabokov, Lolita é uma menina típica por fora: gosta de ler revistas de adolescente da época, comer balas e pirulitos e brinca com outras meninas de sua idade. Porém, em outros momentos do livro, mostra ter experiência sexual e demonstra interesse pelo sexo oposto, além de ser inteligente e manipuladora. A Lolita de Nabokov, por volta dos 13 anos, já estava manipulando Humbert para conseguir dinheiro e escapar para ter uma vida diferente. Lana Del Rey faz seu personagem um pouco diferente, por fora aparenta ser uma pessoa adulta, mas mostra o seu lado infantil nas letras das

músicas. Ela deseja ser protegida por alguém e seu vestuário é jovial, como se fosse uma adulta que nunca cresceu.

Lana Del Rey é considerada uma figura polêmica por causa de suas músicas. Já foi dito que o fato de sua *persona* e personagem chamar seu amante de “Daddy” ou “My old man” pode ser tomado como uma incitação à pedofilia, bem como o fato de gostar de se sentir como uma criança mesmo sendo adulta (WALL, 2016). Na verdade, Lana Del Rey transformou o a Lolita do Nabokov em uma adulta com características de adolescente. Na música “Carmen” Del Rey cria outro futuro para sua Lolita, quase como se a Lolita de Nabokov tivesse realmente realizado o sonho de se tornar uma atriz, com as consequências dessa vida de estrelato. Humbert apelidou Dolores Haze de “Carmen” por causa de uma música popular da época. Lana Del Rey se apropriou deste apelido de Dolores e descreveu como seria seu futuro. Mas na obra de Del Rey a vida no estrelato é algo que causa tristeza. O personagem começa a usar drogas e a se prostituir para manter o seu espaço e a sua fama. No livro de Nabokov, os personagens fazem suas escolhas e há consequências. Humbert começa uma relação com Dolores e, no fim, por causa de sua perversão e obsessão por ela, acaba sufocando-a e fica sem sua amada. Dolores decide fugir de Humbert e se tornar uma estrela, porém como isso não dá certo com Clare Quilty, tenta depois ter uma vida normal com seu novo marido, mas acaba morrendo com apenas 16 anos. Já na música de Lana Del Rey Carmen decide se tornar uma artista famosa e sofre as consequências de escolher esse caminho. Vemos assim que Lana Del Rey transformou a Lolita de Nabokov em seu próprio personagem, uma jovem adulta que vive nas ruas de Coney Island. Os problemas que possui não são os de Dolores Haze, são as drogas, o alcoolismo e seu descontentamento com a vida. Além disto, há também as questões sobre a sexualidade, que ainda serão abordadas neste trabalho.

3.3 OS COMPORTAMENTOS SEXUAIS NAS MÚSICAS

As perversões sexuais nada mais são, como já foi apresentado por Freud, um desvio do objeto sexual normal para algo fora dos padrões considerados aceitáveis em uma determinada época ou sociedade. No caso de Humbert Humbert o que era esperado é que ele tomasse por seu objeto sexual uma companheira adulta e não uma menina de 12 anos de idade, porém não é assim que o corpo/cérebro de Humbert funciona. Atualmente, a

medicina está melhor informada sobre os processos envolvidos na área da sexualidade. Quando o comportamento individual de excitação sexual somente se dá em resposta a objetos ou situações diferentes das tidas como normais, e quando esse comportamento interfere na capacidade do indivíduo de ter relações sexuais e/ou afetivas tidas como normais, dá-se o nome a essa disfunção de parafilia (KERNBERG, 1998). Nem todos os atos considerados perversões antigamente são ainda considerados assim nos dias de hoje.

Com o tempo, práticas que eram antigamente consideradas perversões, como é o caso da masturbação ou do sexo anal, perderam o rótulo de patologia e passaram a ser consideradas parte da sexualidade humana. “É que a perversão é algo totalmente diferente de uma entidade clínica: ela é um certo modo de pensar” (ANDRE, 1995). Segundo Corrêa (2006), pode-se dizer também que as perversões não mais são tão julgadas e condenadas. O limite entre o aceitável e o inaceitável – social e legalmente – está no ponto em que o comportamento de um indivíduo interfere com a liberdade de outro indivíduo. No romance de Nabokov, o ponto a ser questionado não é o fato de Humbert se sentir atraído por Dolores, mas a forma como ele conduziu os fatos, acabando por interferir indevidamente nos delicados processos de maturação psicológica e sexual de uma menina em processo de desenvolvimento, provocando desdobramentos que irão conduzir à morte precoce de uma vítima que sequer conseguiu se dar conta do que estava acontecendo.

Pode ser considerado um avanço de nosso tempo o fato de que, ao mesmo tempo em que as noções do que é aceitável na área da sexualidade se ampliaram, por outro lado estão sendo criados mecanismos e leis que protegem as partes mais frágeis do processo, como as crianças e as mulheres, por exemplo. Para as parafilias mais graves como o sadismo, o masoquismo, a pedofilia e a zoofilia, a legislação está se tornando bem mais rigorosa. Talvez seja por isso que a Lolita de Lana Del Rey tenha 17 anos, ao invés de 12, como a de Nabokov, pois a legislação contemporânea coloca a idade de 14 anos como o ponto limite entre o abuso permitido e o presumido.

Vladimir Nabokov e Lana Del Rey abordam o tema da perversão em suas obras artísticas de diferentes formas. Nabokov cria personagens polêmicos envolvidos com uma perversão doentia como a pedofilia, enquanto Lana Del Rey traz uma *persona* e personagem que mistura uma mulher com uma menina, que ao mesmo tempo manipula o sistema e é manipulada por ele. Carmen, por exemplo, tem poder para dominar mas sente que precisa ser controlada, quase como se dentro de sua cabeça o personagem não tivesse crescido completamente e ainda precisasse do apoio de uma figura mais velha. Esse comportamento

também poderia ser considerado um desvio, são indivíduos que regridem para uma idade diferente da que têm, seja por prazer sexual ou emocional.

Lana Del Rey, a protagonista de seus vídeo clipes, é uma mulher com mais de 30 anos que interpreta o papel de uma Lolita adolescente. Representa, assim, este fenômeno de regressão ao período da puberdade. Portanto, nas músicas, Lana Del não está se referindo a um personagem adolescente real, mas trata-se de uma adulta interpretando o papel de uma adolescente, uma Lolita. Isso dificulta a associação com a pedofilia, já que se trata de uma adulta simbolizando uma adolescente, mas ainda assim tendo uma relação com outro adulto. Ainda assim, ao se travestir de criança, Del Rey pode estar interpelando as fantasias de um espectador voyeur que sofra de parafilia, o que torna as músicas e o vídeo clipe tão provocativos, nesse aspecto, como é o livro de Nabokov.

A maneira como a Lolita de Del Rey se veste, fala e se movimenta tem elementos de um fetiche, o que mostra que as perversões podem hoje ser consumidas como entretenimento. O ponto limite entre o patológico e o normal é o ponto em que a perversão invade a liberdade do outro, ou atrapalha a vida do indivíduo fazendo com que queria parar totalmente de ser um adulto e passe a não querer realizar tarefas adultas ou quando o a pessoa não é mais capaz de discernir (MAIS VOCE, 2012). Assim como o personagem Humbert tornou-se obcecado por seu objeto sexual, Lolita, ao ponto de passar a sofrer de uma cegueira lógica. No caso de Del Rey, a cegueira lógica está no fato de que temos uma adulta que se sente como criança, uma mulher poderosa que acredita que precisa ser protegida e que nutre uma paixão obsessiva por seu amante. O amor que sente por essa figura protetora em sua vida representa seu lado infantil, ela sente que precisa dele para ter segurança, sem ele ao seu lado talvez se sinta perdida. A dependência emocional que o personagem de Lana Del Rey demonstra nas músicas é romantizada por todos e comparada com histórias românticas, como a de Romeu e Julieta. O perigo das perversões acontece justamente quando os indivíduos se sentem capazes de morrer e matar por elas, tal como acontece com o personagem de Lana Del Rey que diz que morreria se não fosse capaz de viver com seu amante, como acontece em *Lolita* quando Humbert deseja matar ou ferir quem tirou Dolores Haze de sua vida.

CONCLUSÃO

Com este trabalho, busquei compreender certas questões que surgiam tanto no livro *Lolita* como nas músicas do álbum *Born to die*, de Lana Del Rey, e nas teorias de Freud sobre a sexualidade humana, para enxergar como se apresenta o conceito de perversão na vida e na arte. Os autores ficcionais e teóricos mencionados ao longo do percurso me ajudaram a enxergar melhor as obras de Nabokov e Del Rey e as formas como o fetichismo e as fantasias são tratadas em cada caso. Ao entender que o significam as perversões e parafilias retratadas nas duas obras, descobrimos coisas que a época e o contexto de cada uma podem revelar sobre o que é permitido e o que é interdito em cada cenário.

A relação entre os personagens analisados se mostrou mais firme e consistente do que eu havia imaginado, e descobri que tanto as diferenças quanto as semelhanças entre esses dois mundos ficcionais são bastante reveladoras. O objetivo inicial de comparar os personagens de *Lolita* e de Del Rey através do que diz a psicologia se expandiu, levando-me a concluir que o conceito migrado pela artista se mistura com sua própria história de vida, sendo sua Lolita uma mistura da personagem de Nabokov as memórias biográficas da autora.

Quando me propus a escrever este trabalho, tinha o intuito de percorrer os conceitos criados e explicados por Freud baseando-me apenas em seus artigos e livros, para formular as definições da forma mais clara. Mas durante o processo, percebi que houve autores anteriores que influenciaram o próprio criador da psicanálise. Vale ressaltar que, nos dois casos, o que achei mais interessante de analisar foi a sofisticação com que são construídas as narrativas das duas obras. De nada adianta, para fins de credibilidade, o texto ser narrado em primeira pessoa, se o leitor fica com dúvidas sobre a sanidade mental do narrador, uma vez que Freud nos ensina que há casos de esquizofrenia nos quais se cria uma divisão entre o que é permitido e o que é proibido que o indivíduo traga para o seu estado consciente. Assim, fica em aberto até que ponto a vivacidade e a sensualidade de Lolita de fato existem, ou são criadas por Humbert para impedir que ele próprio se dê conta de que está abusando da menina. Já no caso de Del Rey também temos a autora exercendo múltiplos papéis na trama musical que é criada. Ela é a produtora, a diretora, a compositora, a cantora, a atriz e a protagonista de uma história na qual

são identificados também vários aspectos autobiográficos. As duas Lolitas são muito diferentes, mas também são muito parecidas. A de Nabokov não está apaixonada, não tem dinheiro e nem independência. A de Del Rey sim, mas está deprimida e não parece saber como tirar proveito de suas vantagens. As duas se assujeitam ao que consideram ser o comportamento que é esperado delas, conformando-se em satisfazer as fantasias de outras pessoas.

O livro de Nabokov tem um tema tabu, o relacionamento entre um homem de meia idade obcecado por meninas jovens e uma pré-adolescente. Esse comportamento pedófilo é atenuado de todas as formas possíveis. O suicídio de Humbert e o fato de que se submeteu a vários tratamentos psiquiátricos, bem como o fato de que quem nos apresenta os manuscritos que ele deixa é o próprio psiquiatra que ele consultava mostram que o próprio autor ficcional e narrador julgou a si mesmo, determinou uma pena e a cumpriu. Outro atenuante é o fato de que suas tentativas de seduzir Lolita sempre falham, até o momento em que ela é quem toma a iniciativa de o seduzir. A não ser, é claro, que o leitor se recuse a fazer essa leitura, com base em outros trechos que também temos na obra, nos quais parece claro que não está havendo um consentimento. De um jeito ou de outro, para os parâmetros de hoje mesmo que houvesse um consentimento por parte de Dolores, uma criança de 12 anos hoje não é considerada capacitada para compreender a abrangência dessas questões, e seu consentimento não tem nenhum valor legal.

A realização deste trabalho foi muito importante para minha formação. Mesmo as coisas mais simples, como montar as referências, selecionar os textos teóricos, descobrir como fazer as citações, foram exercícios relevantes. Ler Freud e os teóricos que o precederam e sucederam, além de uma atividade prazerosa, me ensinou muito sobre como funcionam a psique e a sexualidade humanas. E o ponto principal foi que, com a ajuda das leituras do lastro teórico, os encontros com minha orientadora e as palestras sobre o tema que assisti, consegui compreender melhor por que o texto de Nabokov me é tão caro, e o quão bem ele combina com o tratamento dado através das músicas de Lana Del Rey.

Diante disso, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro apresenta um pouco do que aprendi com as leituras teóricas sobre comportamentos sexuais, das quais destaco Freud e os conceitos que ele cria em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que ajudam a saber identificar nos personagens as diferentes perversões encontradas e seus desvios sexuais. Com essas leituras fica claro que as perversões estão presentes sempre que o desejo do indivíduo é interdito pela norma da sociedade na qual ele está inserido. Não se trata tanto de o que pode ou não pode ser considerado normal, mas de até que ponto a vontade de um pode ou não prevalecer sobre a vontade do outro; e da preservação dos direitos dos que num

determinado momento estão mais desprotegidos; e de onde fica o limite entre uma fantasia inofensiva e uma fantasia que paralisa a pessoa e trava os seus movimentos no mundo. Isso é o que mais aprendi lendo Freud. Apesar de os termos que ele utiliza parecerem rótulos muito duros e assustadores (como perversão, pedofilia, parafilia, obsessão, etc...), o que ele está mesmo fazendo é explicitar os mecanismos através dos quais todos nós funcionamos.

O segundo capítulo tratou sobre o romance de Nabokov *Lolita*. Com o auxílio dos conhecimentos obtidos no capítulo anterior, foi possível compreender a história narrada por Humbert Humbert e analisá-la por um novo ponto de vista, numa análise que estudava as características dos personagens, bem como as possíveis origens de seus comportamentos sexuais e a importância desses nos rumos que suas vidas tomaram ao longo do livro. Os personagens Dolores Haze, Humbert Humbert e Charlotte Haze e seus comportamentos pessoais e sexuais, quando comparados aos conceitos apresentados por Freud, são muito reveladores, como a relação entre os pais e os filhos, a importância da presença paterna e materna, os movimentos de rebeldia pelos quais passam os adolescentes no processo de construir a sua personalidade e a sua sexualidade – bem como os estragos que podem advir quando esses processos são interrompidos, acelerados ou mal conduzidos.

O terceiro capítulo trouxe a mesma discussão para um período mais recente por meio de três músicas e um vídeo clipe da artista Lana Del Rey, a fim de esclarecer o que muda e o que permanece, nesta atualização. As músicas estudadas foram “Off the races”, “Carmen” e “Lolita” do álbum *Born to die*, bem como documentários e entrevistas sobre Lana Del Rey e sua arte. Com isso, consegui perceber que o número de diferenças e o número de semelhanças se equivalem quando comparamos as Lolitas de Nabokov e de Del Rey. E o mais interessante é que – seja naquilo em que elas se afastam, ou naquilo em que se aproximam – o comportamento das duas Lolitas serve sempre às mesmas finalidades: sobreviver, seduzir e escapar das armadilhas que a vida lhes apresenta. Além das referências explícitas à obra de Nabokov, foi possível identificar alusões a outros personagens femininos que possuem pontos em comum com Lolita, como Blanche Dubois, de *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, ou Annabel Lee, de Edgar Allan Poe. Ficou claro também que Del Rey fez questão de misturar elementos literários com elementos de sua própria história de vida.

Quando se compara uma obra literária com uma obra musical, percebemos que os efeitos que num campo são alcançados de uma maneira, se constroem de outro jeito no outro campo. O jogo de palavra e silêncio, a participação quase que interativa realizada pelo leitor nos momentos em que ele se pergunta até que ponto pode acreditar no que está sendo dito pelos personagens ou pelo narrador, tudo isso quando transposto para uma música ou para um vídeo

clipe requer um tratamento muito diferente. A voz de Del Rey, o ritmo e os instrumentos musicais que embalam cada narrativa em música, a postura da intérprete quando está no palco ou no vídeo clipe, a maquiagem, a roupa, o estilo do cabelo, os movimentos do corpo, a irreverência nos gestos, o colorido da produção, tudo isso contribui para o tratamento do tema e atinge o leitor/o ouvinte/ o público/ o espectador de formas diferentes.

Enfim, o que posso dizer para concluir este trabalho é que o tempo que passei lendo Freud, lendo Nabokov, escutando e assistindo a Del Rey, construindo esta monografia, foi muito rica e representa o momento no curso em que melhor pude me posicionar e dizer o que eu tenho a dizer sobre as coisas.

REFERÊNCIAS

ABEBE, Nitsuh. **The imagination of Lana Del Rey**. 2011. Disponível em: <<http://pitchfork.com/features/why-we-fight/8679-the-imagination-of-lana-del-rey/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

ANDRÉ, S. (1993) **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BAIOCCHI, Alexandre. & NIEBIELSKI, Dieleuza. **Psicologia e literatura: um diálogo possível**. Trevevias, UNIOESTE, 2009. v.07, pp.153-160.

BERCHERIE, Paul. **Genèse des concepts freudiens**. Paris: Navarim Éditeur, 1983.

BINET, Alfred. **Études de psychologie experimentale**, Paris: Alcan, 1888. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k756813>>. Acesso em 10 set. 2017

BINET, Alfred. **Le fétichisme dans l'amour**. Paris: Payot, 2001.

CARMEN. Direção de Lana Del Rey. Estados Unidos: Interscope, 2012. (5 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L6K8Uq88BEQ>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CORREA, Carlos Pinto. **Perversão: trajetória de um conceito, estudos de psicanálise**. Belo Horizonte, n. 29, p. 83-88, set. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 nov. 2017.

DEL REY, Lana. **Born to die**. Direção de Lana Del Rey. Estados Unidos: Interscope Records, 2012. dois discos compactos (93 + min.): digital, estéreo.

DEL REY, Lana. **Carmen**. In: **Born to Die**. Direção de Lana Del Rey. Estados Unidos: Interscope Records, 2012. dois discos compactos (93 + min.): digital, estéreo.

DEL REY, Lana. **Lolita**. In: **Born to Die**. Direção de Lana Del Rey. Estados Unidos: Interscope Records, 2012. dois discos compactos (93 + min.): digital, estéreo.

DEL REY, Lana. **Off the races**. In: **Born to Die**. Direção de Lana Del Rey. Estados Unidos: Interscope Records, 2012. dois discos compactos (93 + min.): digital, estéreo.

DSM-5. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. In: *Clinical Description and Diagnostic Guidelines*. Disponível em: <<http://www.who.int/classifications/icd/bluebook.pdf>> Acesso em 08/11/2017.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FLINT, Hanna. **Live fast and freely: Lana Del Rey shares her views on life and spirituality in manga-inspired cover shoot.** Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-2271388/Live-fast-freely-Lana-Del-Rey-shares-views-life-spirituality-Manga-themed-cover-shoot.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

FRAGA, Diana Lemos de Seixas. **Um paralelo entre o estudo das perversões e Lolita, de Nabokov.** 2006. Disponível em: < <http://jornadaonline.blogspot.com.br/2009/10/uma-paralelo-entre-o-estudo-das.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

FREUD, Sigmund. (1908) **Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade.** Tradução de Luiz Alberto Hanns. IN Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. (1901) **Fragmento da análise de um caso de histeria.** Tradução de Luiz Alberto Hanns. IN Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. (1927) **O futuro de uma ilusão.** Tradução de Luiz Alberto Hanns. IN Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Tradução de Luiz Alberto Hanns. IN Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

GALE, Thomson. **Sexual objects.** 2007. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/sexual-objects>>. Acesso em: 22 set. 2017.

JUNG, Carl Gustav. **The theory of psychoanalysis.** New York: The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, 1915.

KERNBERG, Otto F. **Perversão, perversidade e normalidade: diagnóstico e considerações terapêuticas.** Revista Brasileira de Psicanálise, 1998.

KHAN, Mahrukh & HAIDER, Kamal. **Girls' first love; their fathers: Freudian theory Electra complex.** Research journal of language, literature and humanities. Paquistão, v. 2, 12 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.isca.in/LANGUAGE/Archive/v2/i11/1.ISCA-RJLLH-2015-052.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura.** São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

MAIS VOCÊ. **Doença ou normalidade? Especialistas analisam o infantilismo.** Rio de Janeiro, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2229297/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904.** Tradução de Luiz Alberto Hanns. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MOLL, Abert. **Untersuchungen über die libido sexualis.** Berlin: H. Kornfeld, 1898. Disponível em: < https://archive.org/details/bub_gb_4kTJAAAAMAAJ> Acesso em: 11 nov.

2017.

MURIBECA, Mercês. **As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam**. Belo Horizonte: Estud. Psicanal. n. 32, p. 117-128, nov. 2009.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Londres: Penguin, 2006.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PEREIRA, Lúcia Serrano. **Lolita (Nabokov)**. In: Projeto clássicos da modernidade. Porto Alegre: 63ª Feira do livro de Porto Alegre, 2017. Palestra.

PEREIRA, Lúcia Serrano. **Lolita: um comentário a partir do romance de Vladimir Nabokov**. 2013. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/03/01/lolita-um-comentario-a-partir-do-romance-de-vladimir-nabokov/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

POE, Edgar Allan. “Anabell Lee”. IN: **Edgar Allan Poe: Complete Tales and Poems**. New Jersey: Castle Books, 2002.

PSYCHOLOGY TODAY. **Paraphilias**. 2017. Disponível em <<http://https://www.psychologytoday.com/conditions/paraphilias>>. Acesso em: 22 set. 2017.

RISSIN, Ruth. **Lolita, uma personagem atual**. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100010>. Acesso em: 01 nov. 2017.

RODRIGUES, Brittany Goldfield. **The evolution of Lana Del Rey: her life story**. 2016. Disponível em: <<http://www.andpop.com/2016/07/11/evolution-lana-del-rey-life-story/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SAVAGE, Mark. **Love, the law, and Lana Del Rey**. 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-16729651>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

TVP EDITORIAL. **Electra complex: are you a daddy’s girl?** The Views Paper, 2015. Disponível em: <<http://theviewspaper.net/electra-complex-are-you-a-daddys-girl/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

VALAS, Patrick. **Freud e a perversão**. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

WALL, Charlotte. **Behind the heart-shaped sunglasses: Lolita and Lana**. 2016. Disponível em: <<http://www.ciphermagazine.com/articles/2016/9/13/behind-the-heart-shaped-sunglasses>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

WILLIAMS, Tennessee. **Um bonde chamado Desejo**. Tradução de Beatriz Viégas-Farias. Porto Alegre: L&PM, 2008.